

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO
DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS/AS LATINO-AMERICANOS/AS**

Roberta de Alencar Rodrigues
Orientadora: Profa. Dra. Marlene Neves Strey

Porto Alegre – Março de 2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO
DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS/AS LATINO-AMERICANOS/AS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e da Personalidade.

Roberta de Alencar Rodrigues

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Neves Strey

Porto Alegre, março de 2007.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696r Rodrigues, Roberta de Alencar

As Relações de gênero e o processo de aculturação de
estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as / Roberta de
Alencar Rodrigues. – Porto Alegre, 2007.

116 f.

Diss. (Mestrado em Psicologia) – Fac. de Psicologia,
PUCRS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marlene Neves Strey

1. Relações de Gênero. 2. Aculturação. 3. Estudantes
Estrangeiros Latino-Americanos. 4. Psicologia Social.

I. Título.

CDD 301.11

Bibliotecária Responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ROBERTA DE ALENCAR RODRIGUES

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O PROCESSO DE ACULTURAÇÃO
DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS/AS LATINO-AMERICANOS/AS**

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra. Marlene Neves Strey – Orientadora Presidente

Profa Dra. Patrícia Krieger Grossi – Faculdade de Serviço Social - PUCRS

Profa Dra. Sylvia Dantas DeBiaggi – Instituto de Psicologia - USP

À Kátia de Alencar Rodrigues, minha mãe, pelo exemplo de determinação como mulher migrante nordestina, ao ter conquistado seu lugar ao sol em “terras estrangeiras” gaúchas.

AGRADECIMENTOS

Considero minha trajetória de Mestrado como uma “obra coletiva”, na qual uma heterogeneidade de pessoas e instituições, cada uma a sua maneira, contribuiu para realização. Certamente, neste espaço, podem não estar elencados todos/as aqueles/as que fazem e/ou fizeram a diferença na minha vida, mas gostaria que se sentissem incluídos.

Primeiramente, agradeço a Deus, pela minha saúde e pelo meu entusiasmo em realizar motivada minhas tarefas.

À querida Profa. Dra. Marlene Neves Strey, pela incansável disponibilidade e paciência nos momentos de supervisão, e principalmente pelo exemplo como pessoa e profissional ética.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa que possibilitou a concretização de um sonho em fazer Mestrado.

Aos meus pais, Kátia de Alencar Rodrigues e Mércio Luiz Martins Rodrigues, com quem posso sempre contar e por todos os investimentos depositados. E à minha irmã Renata de Alencar Rodrigues, pelo incentivo.

À minha terapeuta Maria Helena Souza, pelo seu apoio incondicional em me oferecer luz nos momentos de dúvida, ânimo nas situações de cansaço e acima de tudo reforçar a minha fé em persistir na conquista dos meus ideais.

Aos/às participantes desta pesquisa que se disponibilizaram em conceder entrevista, compartilhando sua experiência migratória, sem os/as quais este estudo não seria possível.

À Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na pessoa de Helena Beatriz Petersen, e à Pró-Reitoria de Pós-Graduação dessa Instituição, na pessoa de Ana Lucia da Costa Gama Nunes pela disponibilidade em me fornecerem as estatísticas de estudantes estrangeiros/as.

Ao Departamento de Controle e Registro Discente – DECORDI da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Gilberto, pela atenção em me receber e me disponibilizar o número de estudantes conveniados ao Programa de Estudante Convênio (PEC-G).

À Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em especial ao Adroaldo Piccinini, à Jacqueline Poersch Moreira e Maria Bárbara Vieira, por terem disponibilizado o número de estudantes conveniados ao Programa de Estudante Convênio (PEC-G).

À Assessoria para Assuntos Internacionais e Interinstitucionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na pessoa de sua coordenadora Silvana Souza Silveira e de sua secretária Karla Aprato, pela receptividade e pelos dados estatísticos relativos aos/às estudantes estrangeiros/as.

À Dra. Regina Maria Mutti, professora da disciplina A análise de discurso na pesquisa em educação: teoria e prática do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelos seus comentários e sugestões feitos ao meu trabalho final dessa disciplina.

À Denise Jardim, professora da disciplina Minorias Étnicas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelos apontamentos realizados à minha monografia dessa disciplina.

Agradeço às professoras doutoras Patrícia Krieger Grossi e Sylvia Dantas DeBiaggi, integrantes da banca examinadora, por aceitarem o convite.

À Liége Frainer Barbosa, minha ex-professora de inglês, a quem sempre posso recorrer nos momentos de dúvidas.

À Marleni Matte, pela cuidadosa correção do português desta dissertação de Mestrado.

À minha amiga e colega de Mestrado, Viviane Giusti Balestrin, pelas trocas e pela parceria e companheirismo que vem sendo construído desde a graduação.

Aos colegas de Mestrado, Janaína Strenzel e Marcos Daou, pelo incentivo e pelo apoio na trajetória desta pesquisa.

Às minhas amigas, Fabiana Costa, Manuela Pereira Savio, Juliane Farina e Ana Paula Kolling Belmonte, pelo carinho e fonte de motivação. Ao meu amigo Reiner Franchesco Perozzo, pelo seu exemplo de superação e persistência em enfrentar o câncer, aos 23 anos, juntamente com a sua pesquisa de Mestrado em Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

À psicóloga Andréa Sebben, por ter me introduzido aos estudos de Psicologia Intercultural.

Ao Grupo de Pesquisa Relações de Gênero, pelo carinho e amizade recebidos de todos/as integrantes.

SUMÁRIO

RESUMO.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
ARTIGO TEÓRICO.....	14
ARTIGO EMPÍRICO 1.....	40
ARTIGO EMPÍRICO 2.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
ANEXO 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA	116
ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	117
ANEXO 3: APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA.....	118

RESUMO

Esta dissertação apresenta três artigos, todos abordando questões como as relações de gênero e o processo de aculturação. O primeiro artigo teórico faz uma reflexão acerca das relações de gênero no contexto das migrações internacionais, considerando que as questões de gênero são valores posto em cheque na situação de mudança para uma outra cultura. Nesse sentido, entende-se que a aculturação promove o questionamento das relações de gênero, provocando rupturas nas formas de ser homem e mulher construídas na sociedade de origem. O segundo artigo empírico buscou conhecer os fatores que facilitam e dificultam o processo de inserção de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as na cultura brasileira, mais especificamente no Estado do Rio Grande do Sul. Nesse estudo, também procurou-se identificar as estratégias utilizadas pelos/as participantes no processo de aculturação. Por fim, o terceiro artigo empírico investiga como os/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as percebem as questões de gênero no seu país de origem e no Brasil, evidenciando o quanto o tema da sexualidade imprime marcas no discurso dos/as participantes da pesquisa no que se refere às relações de gênero no Brasil.

Palavras-chave: relações de gênero; processo de aculturação; estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as.

Área conforme classificação CNPq:

7.07.00.00-1 (Psicologia)

Sub-área conforme classificação CNPq:

7.07.05.00-3 (Psicologia Social)

7.07.05.02-0 (Processos Grupais e de Comunicação)

7.07.05.03-8 (Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo)

INTRODUÇÃO

Esta dissertação será apresentada conforme o modelo proposto pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o qual prescreve que a dissertação seja constituída sob a forma de artigos. Nesse sentido, o Programa exige a apresentação de, no mínimo, dois artigos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, somados à introdução geral do trabalho desenvolvido, bem como às considerações finais. Além disso, consta, inicialmente neste trabalho, o projeto de pesquisa que foi formulado no primeiro ano do Mestrado.

O primeiro artigo que abrange o presente trabalho é intitulado “Marcas do Gênero nas Migrações Internacionais”, compreendendo uma reflexão acerca das relações de gênero no âmbito das migrações internacionais. Sendo assim, expõe conceitos de aculturação e de gênero, mostrando a importância da interligação dessas definições para o entendimento das mudanças ocorridas nas relações de gênero após a inserção numa nova cultura.

Já o segundo artigo, o empírico, intitulado “Estudantes Estrangeiros/as Latino-Americanos/as no Rio Grande do Sul: estratégias de adaptação no Processo de Aculturação” consiste na apresentação dos resultados provenientes da investigação, a partir da percepção dos estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as acerca das facilidades e dificuldades no processo de aculturação, assim como suas estratégias de adaptação no processo de aculturação. Durante a elaboração do artigo empírico, percebemos a necessidade de dividi-lo em dois a fim de contemplar a maioria dos dados da nossa pesquisa, sem subestimar as informações obtidas nas entrevistas. Assim, o terceiro artigo pretende corresponder a uma das questões norteadoras do projeto de pesquisa, a qual procura identificar a influência da cultura brasileira na percepção das relações de gênero. Desse modo, este terceiro é denominado “Orquestrando vozes de gênero de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as”, e revela as concepções de gênero no Brasil e no país de origem verbalizadas pelos/as participantes

após se confrontarem com os valores da cultura brasileira. Durante a fase de coleta de dados, percebemos a necessidade de ampliar o espectro desta pesquisa, estendendo a investigação das relações de gênero e do processo de aculturação no contexto acadêmico para um âmbito mais geral, que contemplasse o material emergente obtido nas entrevistas com os participantes desta pesquisa.

Em ambos os artigos empíricos, utilizamos a Análise de Discurso de linha francesa para o tratamento dos dados com o intuito de responder às questões norteadoras do projeto de pesquisa. Inicialmente, no projeto de pesquisa, nos propusemos a utilizar a Análise Crítica do Discurso, porém, no decorrer desta investigação, estávamos mais instrumentalizadas com a outra variação da Análise de Discurso, que é Análise de Discurso de linha francesa proposta por Michel Pêcheux.

Consideramos a abordagem discursiva uma ferramenta importante para examinar questões de poder que podem estar inscritas nas relações de gênero e na relação da sociedade hospedeira em direção ao/à estrangeiro/a. Tendo em vista que houve, por muito tempo, a tendência em retratar a experiência das mulheres sob o ponto de vista masculino, pretendemos, desse modo, dar voz às mulheres desta pesquisa no que concerne à percepção delas em relação a sua vivência de imigração e às transformações decorrentes desse processo migratório.

Nesse sentido, a presente dissertação pretende reforçar a inclusão da categoria gênero nos estudos migratórios, e oferecer informações sobre as estratégias de adaptação e sobre as facilidades e dificuldades enfrentadas no processo de aculturação pelos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, que poderão contribuir para que as instituições de ensino superior de acolhimento possam implementar estratégias que facilitem o ingresso de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. A partir desta investigação, estamos favorecendo para que a Psicologia direcione seu olhar também para a população estrangeira,

identificando fatores inerentes ao processo de aculturação que possam promover o bem-estar psicológico dos indivíduos num novo contexto cultural.

ARTIGO TEÓRICO

MARCAS DO GÊNERO NAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Gender Mark in International Migration

Roberta de Alencar Rodrigues

Marlene Neves Strey

Resumo

O presente texto discute as questões de gênero e aculturação, considerando suas implicações nas migrações internacionais. Pretende-se compreender as transformações ocorridas nas relações de gênero decorrentes do processo migratório e, como consequência, a renegociação que membros de famílias imigrantes fazem no que concerne aos papéis de gênero. Considera-se que a aculturação promove o questionamento das relações de gênero, desestabilizando formas de ser homem e mulher cristalizadas na sociedade de origem. Nesse sentido, sublinha-se o fato de que a interface entre o conceito de aculturação e o de gênero é essencial para discutir as relações de gênero nas migrações internacionais contemporâneas, tornando visíveis as experiências de mulheres anteriormente negligenciadas.

Palavras-chave: relações de gênero; migrações internacionais; aculturação.

Abstract

The present text discusses gender issues and acculturation, considering their implications in international migrations. We intend to learn the transformations occurred in gender relations after migration and consequently the renegotiating process that family members do regarding gender roles. We consider that acculturation fosters questions toward gender relations, disordering the traditional roles women and men play in their societies of origin. Therefore, we highlight the fact that the interface between acculturation concept and gender is essential to discuss gender relations in international migrations, making women's experience visible where they were previously neglected.

Key words: gender relations; international migration; acculturation.

A história da humanidade é marcada pelos movimentos migratórios. Como as pesquisas históricas costumavam ser orientadas por valores tradicionais e patriarcais, a imigração foi abordada, quase sempre, como uma questão masculina, ocultando a presença feminina nesse contexto (Weinberg, 1992). A omissão da categoria gênero nos estudos migratórios reflete a história do domínio do sexo masculino sobre o feminino, que insistentemente prescreve a trajetória dos homens como sendo a norma (Vicente, 1999). Em virtude disso, a nossa proposta, neste texto, é realizar uma intersecção entre as questões de gênero e o processo migratório, procurando dar visibilidade às mulheres que, por muito tempo, foram ofuscadas. Para tanto, nos fundamentamos em Louro (1995, p. 106), ao reiterar que o gênero é “um elemento que pode provocar não só novas questões, mas novas respostas para velhas questões, além de colocar como ativos e visíveis sujeitos que usualmente têm estado escondidos nas análises mais tradicionais”.

Apesar das mulheres não terem recebido a merecida atenção como sujeitos históricos que se inserem em processos migratórios, elas não se restringiam ao alçar seus vãos. Leite (1997) realizou uma pesquisa documental com a Literatura de Viajantes Estrangeiros que estiveram no Brasil durante o século XIX, mostrando uma série de dezesseis autoras desconhecidas. Os documentos que constituíram o material de análise daquela autora são os livros escritos pelas mulheres européias que ingressaram num universo proibido, ao se afastarem da família e virem para o Brasil publicar suas transgressões nessas viagens. Entretanto, essas viajantes do século XIX precisaram, muitas vezes, assinar o nome do marido para terem seus textos publicados.

Já Donato (1992) expõe que, em 1930, as mulheres marcavam presença significativa entre os/as imigrantes para os Estados Unidos, sendo que em 1979, elas passam a somar mais de um milhão de todos/as os/as imigrantes nesse país. Conforme essa autora, os Estados Unidos consistem no lugar de destino da maioria das mulheres imigrantes provenientes de

vários países. Além dos Estados Unidos constituírem foco de atração de imigrantes, também é um país, onde os estudos de gênero são mais consolidados, o que propulsiona pesquisas relativas ao cruzamento entre as relações de gênero e o fenômeno migratório (Bilac, 1995). Por isso, muito da literatura a ser apresentada, neste artigo, provém de estudos feitos com mulheres imigrantes na sociedade norte-americana.

Na década de 60, a influência do feminismo acadêmico leva à experiência das mulheres tornarem-se objeto de estudo (Bilac, 1995; Kosminky, 2004; Simon, 1992). Desse modo, as universidades passam a produzir conhecimento que envolve as mulheres em diferentes contextos, dentre eles os fenômenos migratórios (Simon, 1992). Além do movimento feminista, Kosminky (2004), citando Steven Gold, afirma que o aumento do número de mulheres imigrantes foi outro motivo para incorporar a categoria gênero nas pesquisas de migrações internacionais. Essa autora sublinha que a produção bibliográfica sobre gênero nas pesquisas migratórias nos Estados Unidos começou na década de 80, e no Brasil, na década de 90, o que nos conduz, nesse trabalho, a apresentar investigações que datem principalmente esse período.

A invisibilidade das mulheres nas pesquisas sobre migrações internacionais não reside somente no seu ocultamento nesse fenômeno, mas também no retratá-las como coadjuvantes na posição de membro da família, conferindo um sentido estereotipado às suas experiências. Desse modo, investigações capturadas pelo discurso patriarcal deixam de dar voz às percepções das mulheres imigrantes em relação ao seu mundo, negligenciando o fato da imigração ser vivenciada de forma diferenciada por homens e mulheres (Kosminky, 2004). Inicialmente, é a Antropologia feminista que busca compreender as repercussões da imigração na vida das mulheres, desvelando os diferentes efeitos produzidos na vida de ambos os sexos, que passam a questionar valores enraizados do que é ser mulher/homem e outros aspectos da cultura que carregam consigo (Brettel & DeBerjeois, 1992).

Se a bagagem cultural que as mulheres imigrantes trazem consigo é colocada em suspeito, uma das razões se deve à sociedade hospedeira, que apresenta novas formas de ser homem e mulher. Nessa perspectiva, cabe aqui introduzirmos o conceito de aculturação, entendido como as mudanças ocorridas nos indivíduos após o contato intercultural (Berry, Poortinga, Segal & Dasen, 2003), para mostrar que as concepções de gênero de mulheres e homens imigrantes são repensadas no processo migratório. Isso ocorre, segundo Dion e Dion (2001), porque as condições associadas à imigração e ao estabelecimento na sociedade hospedeira podem desafiar as expectativas em relação aos papéis de gênero. Com isso, passamos a definir primeiramente o conceito de gênero e, em seguida, nos propomos a realizar uma reflexão sobre as relações de gênero no contexto das migrações internacionais.

Gênero

Trata-se de um desafio falar de um conceito tão complexo como o gênero, o qual pode ser definido sob diferentes ângulos. Neste artigo, não temos a pretensão de esboçar as diferentes formas como o termo gênero pode ser retratado, mas apresentar como ele tem sido descrito, de maneira geral, na literatura.

Há consenso entre as teóricas feministas quanto ao seu caráter relacional e ao repúdio ao determinismo biológico (Burin, 2004; Pereira, 2004; Scott, 1995; Strey, 2001). Adotando o gênero como categoria relacional, entendemos que mesmo priorizando, aqui, as experiências das mulheres imigrantes, tomamos como referência a sua relação com os homens. Desse modo, nos propomos a apresentar também os efeitos das migrações internacionais na vida dos homens. Além disso, Louro (1997) nos alerta para não abordarmos a característica relacional como se referindo à constituição de papéis masculinos e femininos, porque o termo papéis é reducionista. Como exemplo, Connel (1995) defende que, adotando o conceito de papel

masculino, não nos permitimos ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidade.

Concordamos com esses/as autores/as que essa terminologia é simplista, porém ao nos remetermos à bibliografia, em língua inglesa, concernente às mulheres no contexto migratório, nos deparamos com o fato de que o conceito de gênero é abordado como “gender role” ou “sex-role”, o que significa, em português, papel de gênero e papel sexual. Em função disso, foi necessário flexibilizar nosso entendimento do gênero consoante às idéias de Louro (1997), para podermos nos referir ao modo como o gênero é retratado em pesquisas que cruzam gênero e migração.

Depreende-se, a partir de Louro (1997), que refutar o determinismo biológico não significa não reconhecer que o gênero se constrói sobre os corpos sexuados. Esse conceito implica na construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Isto é, “definições de homem e mulher, do masculino e do feminino são efetivamente construções históricas e não simples reflexo de um fato biológico” (Louro, 1995, p. 118). Nesse caso, devemos ter cuidado com os estereótipos que, segundo Bertolote (1994, p. 116), atuam com a força da lei, onde o “ser feminino tem englobado o ser “fêmea” (biológico)”.

Sendo assim, entendemos o gênero como produto fabricado da cultura, e não como atributo estável e inato (Pyke & Johnson, 2003). Por ser um construto dinâmico que varia entre os grupos étnicos, os conceitos de feminilidade e masculinidade podem assumir diferentes significados ao longo de diversos grupos culturais (Dion & Dion, 2001; Gowan & Trevi, 1998), bem como pode se distinguir dentro de um mesmo grupo étnico. Embora as relações de gênero sofram modificações num mesmo cenário cultural, consideramos que as migrações podem atuar como um motor que impulsiona e desafia mudanças de crenças culturais e atitudes relativas ao gênero.

Williams (2002) adota a metáfora “fazendo o gênero” para se referir como a construção do gênero se dá num processo que envolve várias contingências. Para essa autora, fazer o gênero implica ação e resultado, constituindo-se num fazer diário. As variações nas relações de gênero podem estar associadas à estrutura econômica e aos valores e cultura local.

O objeto de gênero sofreu deslocamentos, pois passou do objeto empírico mulheres para objeto teórico gênero (Pereira, 2004; Strey, 2001). Embora, num primeiro momento, tenham focado somente as mulheres, isso foi indispensável para “tornar visível sujeitos até então excluídos da história”(Louro, 1995, p. 126). Investigar as relações de gênero permite incluir sujeitos como homens, gays, lésbicas e transexuais nesse campo de investigação, problematizando aqueles que eram objetos centrais de estudo e percebendo melhor os excluídos.

Scott (1995, p. 86) afirma que o gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. A partir dessa afirmação, Louro (1995, p. 106) nos explica que o gênero se configura num primeiro espaço de domínio, no interior do qual o poder é articulado. Com o auxílio dessa autora, podemos entender que “ser do gênero feminino ou do gênero masculino leva a perceber o mundo diferentemente, a estar no mundo de modos diferentes. Em tudo isso, há diferença quanto à distribuição de poder”. Nessa perspectiva, a nossa tarefa reside, neste artigo, em conferir brilho às mulheres imigrantes que foram tratadas historicamente como inferiores, reprimidas por estruturas de poder (Butler, 2003). Tendo como alerta que mulheres imigrantes cruzam arenas conflitantes em relação às expectativas de gênero, também estamos interessadas em desvelar as diferentes performances empreendidas por elas, dependendo do contexto cultural em que se inserem (Pyke & Johnson, 2003).

Tendo em vista que o processo migratório gera identidades plurais e identidades contestadas (Woodward, 2001), consideramos que o gênero, como fator constituinte da identidade do sujeito (Louro, 1997), é um aspecto questionado na experiência migratória. Sendo assim, mulheres e homens imigrantes têm suas “identidades abandonadas, segundo as propostas em curso” (Butler, 2003, p.37), pois suas identidades são constantemente construídas através da sua interação com o ambiente sociocultural (Lewin, 2001). Rejeitamos visões simplórias acerca da identidade como algo fixo, essencial e permanente e insistimos com Hall (2000, p.13), quando destaca que a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. O gênero, bem como a identidade são, portanto, definidos historicamente e não biologicamente.

As Relações de Gênero nas Migrações Internacionais

Pesquisas no âmbito das migrações internacionais através das lentes do gênero nos possibilitam conhecer os desafios que os/as imigrantes enfrentam em suas famílias para renegociar expectativas em relação ao comportamento de gênero de cada membro (Dion & Dion, 2001). A maneira pela qual esse embate cultural é vivido relaciona-se com o processo de adaptação cultural e pessoal.

Estudos de imigração têm focado as formas de participação da mulher no mercado de trabalho, a relação entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado, a vida familiar, as alterações nas relações de gênero, as diferenças de status da mulher no país de origem e no país hospedeiro (Bilac, 1995; Dion & Dion, 2001). Isto posto, passamos a apresentar algumas pesquisas, nas quais as questões de gênero são priorizadas, reforçando a importância de aliar essa categoria de análise às pesquisas (Louro, 1995).

O ponto de partida para nossa reflexão acerca das repercussões do fenômeno migratório na vida de homens e mulheres é através do estudo de Kosminsky (2004) com algumas famílias judias que migraram para Nova York e São Paulo na década de 20. Essa autora discute como as relações de gênero podem ser vividas de formas diferentes pelas mulheres judias nas cidades de São Paulo e Nova Iorque. Para tanto, ela investigou as filhas das imigrantes judias, buscando examinar os padrões de atitudes relacionados ao gênero expresso nas entrevistas.

Em Nova Iorque, as imigrantes judias se depararam com uma sociedade que oferecia oportunidades para homens e mulheres. Desse modo, muitos judeus trabalharam na indústria norte-americana na década de 20. Mesmo assim, havia discriminação contra as mulheres, pois elas escutavam piadas e palavrões dos patrões no ambiente das fábricas. Naquele contexto, o saldo da imigração para as mulheres judias em Nova Iorque foi a possibilidade de conquistar certa independência econômica, poder frequentar teatros, cursos de inglês e participar do movimento feminista.

No entanto, o débito da imigração para as mulheres judias em Nova Iorque foi a perda do suporte da família, uma vez que muitos maridos abandonaram o lar. Kosminsky (2004) levanta como hipótese o fato de que os homens na Europa Oriental mantinham relação de parceria com suas esposas, e, nos Estados Unidos, a cultura ocidental da década de 20 esperava que ele fosse o provedor. Em solo americano, as tensões vividas pelas mulheres imigrantes judias e pelas suas filhas nascidas em Nova Iorque estão relacionadas, por um lado, às experiências de independência advindas do trabalho e da participação política, e, por outro lado, à pressão em desempenhar o papel de esposa e dona de casa. Em função disso, a importância da família como valor trazido pelos/as imigrantes foi desestabilizada. Por sua vez, as mulheres imigrantes judias conquistaram, nessa sociedade, autonomia nas relações de

gênero no trabalho, em casa e na rua, podendo ter mais flexibilidade na escolha de seus parceiros.

No cenário brasileiro na década de 20, as mulheres imigrantes judias encontraram uma sociedade conservadora que questionava as mulheres que saíam sozinhas nas ruas para trabalhar. Em São Paulo, o emprego feminino não era bem visto, reforçando a postura das famílias judias em rejeitar o trabalho feminino antes do casamento. O valor do casamento, característico da cultura judaica, encontrou ambiente propício para se perpetuar na sociedade brasileira patriarcal.

Diante desse quadro de imigração judaica, podemos depreender que a situação enfrentada pelas mulheres imigrantes e suas filhas ocorreu de forma diferente em Nova Iorque e em São Paulo, considerando os aspectos de trabalho, família e participação política. Entretanto, Kosminsky (2004) descreve como semelhança entre as cidades o fato das mulheres da segunda geração terem tido acesso ao ensino superior, apesar de que em nenhum lugar seguiram cursos que promovessem carreiras de prestígio.

Outras pesquisas envolvendo migrações internacionais apontam que esse deslocamento físico pode gerar sintomas psicossomáticos nos membros familiares, uma vez que a mudança geográfica é acompanhada de transformações culturais. Pesquisas, a partir de experiências clínicas com mulheres latinas nos Estados Unidos, revelam que os/as profissionais da saúde devem ter o cuidado de considerar os fatores inerentes ao processo migratório, como aculturação, conflitos nos papéis de gênero no atendimento de mulheres imigrantes (Espin, 1987; Soto & Shaver, 1982). Segundo esses/as autores/as, não entender essas questões inerentes ao processo migratório pode conduzir a um diagnóstico errado. Mesmo que nosso foco neste artigo seja pessoas que migraram voluntariamente, cabe aqui citar o trabalho de Santana e Neto (2004) com refugiados, o qual reforça que o atendimento

clínico de ambas as populações devem aliar questões de psicoterapia e cultura para não correremos o risco de medicalizar situações sociais.

Espin (1987) investigou mulheres latinas em processo psicoterapêutico nos Estados Unidos, verificando que o aumento da empregabilidade feminina e a perda do status e da autoridade do homem geraram tensão na família. Nessa pesquisa qualitativa, a autora constatou que as mulheres que migraram sozinhas se depararam com solidão, vergonha e culpa, porém se sentiram mais livres do controle da família para buscar novos padrões de comportamento do que aquelas que migraram acompanhadas da família.

Como ilustração da autoridade masculina abalada no processo migratório, Lim (1997) conduziu seu estudo com casais imigrantes coreanos nos Estados Unidos, em que os homens se queixavam que suas mulheres passaram a desenvolver atitudes assertivas quando começaram a trabalhar, dizendo o que queriam. Além disso, a assertividade contribuiu para que pedissem envolvimento dos esposos nas tarefas domésticas. Entretanto, os maridos dessas mulheres que trabalhavam reportaram que a responsabilidade principal de suas mulheres ainda são as tarefas relacionadas às famílias, percebendo o trabalho de suas esposas como opção.

Hondagneu-Sotelo (1992) pesquisou homens casados que foram trabalhar sozinhos nos Estados Unidos, mostrando os efeitos dessa imigração nas relações de gênero. Nesse caso, as esposas assumiram a responsabilidade de provedoras, obtendo satisfação, a partir da conquista dessa responsabilidade, enquanto os homens precisaram desenvolver habilidades domésticas. No retorno à sociedade de origem, esses homens passaram a se envolver mais no trabalho de casa.

Estudo semelhante ao de Espin (1987) foi conduzido por Soto e Shaver (1982), a partir do trabalho clínico com mulheres porto-riquenhas também nos Estados Unidos. Esses/as autores/as pontuam que a cultura porto-riquenha é uma mescla da cultura espanhola

e catolicismo, prescrevendo a superioridade e autoridade masculinas e a inferioridade e submissão femininas. O atendimento clínico de algumas mulheres porto-riquenhas mostrou que elas colocam em suspeito os valores da cultura porto-riquenha. Esse questionamento pode gerar conflitos, manifestando-se através de sintomas psicossomáticos e de depressão.

Diante desses estudos, não podemos depreender que as mulheres são mais vulneráveis à depressão na condição de imigrante, pois Lewin (2001) pesquisou imigrantes iranianos/as e observou que eles também adoeceram frente às exigências de mudanças culturais. Nesse caso, é possível considerar que a situação migratória convidou essas mulheres a desempenharem novos papéis, e que para isso acontecer, foi necessário desacomodar velhos hábitos sob clima de tensão, ansiedade e até de depressão.

Desse modo, Soto e Shaver (1982) pesquisaram os aspectos da saúde e do bem-estar das mulheres imigrantes porto-riquenhas, avaliando o modo pelo qual elas expressavam atitudes e experiências em relação aos papéis femininos. Para tanto, aplicaram alguns instrumentos em 278 mulheres, com idade de 18 a 55 anos, recrutadas em comunidades porto-riquenhas na área metropolitana de Nova Iorque. Essa amostra consistiu de mulheres da primeira geração nascida em Porto Rico e da segunda geração concebida nos Estados Unidos de uma mãe que nasceu em Porto Rico.

Os resultados dessa pesquisa sinalizam que as variáveis geração e educação afetam significativamente o papel sexual tradicional, pois as participantes da segunda geração, com maior nível educacional, mostraram-se menos tradicionais nos papéis sexuais e com menos sintomas. Isto é, a segunda geração de mulheres porto-riquenhas nascidas nos Estados Unidos evidencia mais formação educacional e menos papéis sexuais tradicionais quando comparadas à primeira geração, o que sinaliza que a educação foi fator de empoderamento dessas mulheres.

Os papéis sexuais tradicionais foram associados à baixa assertividade. Do mesmo modo, as mulheres envolvidas com religião apresentaram-se mais tradicionais nos papéis sexuais e menos assertivas do que aquelas não-religiosas. Esses achados trazem à baila a importância da educação no processo de adaptação, pois viabiliza ferramentas lingüísticas e conceituais, que capacitam as mulheres a enfrentarem um novo ambiente cultural. Nesse sentido, as escolas e as instituições de ensino devem despertar para o seu papel no processo de aculturação, uma vez que o estudo de Soto e Shaver (1982) evidenciou que a educação é um fator preditivo do decréscimo de tradicionalismo, aumento de assertividade e saúde mental. Se as mulheres mais religiosas demonstraram atitudes mais tradicionais, podemos inferir que a ideologia perpassada nas igrejas prescreve a desigualdade entre homens e mulheres, ensinando que as mulheres devem seguir o modelo de Virgem Maria, sendo boa mãe e boa esposa (Baldwin & DeSouza, 2001).

Já na pesquisa de Kranau, Green e Valencia-Weber (1982), o nível educacional denotou o grau de aculturação, pois as mulheres imigrantes hispânicas mais educadas apresentaram maior probabilidade de se aculturarem na sociedade americana e, portanto, expressarem atitudes mais liberais. Esses/as autores/as aplicaram alguns instrumentos em 60 hispânicas, contatadas através de universidades estaduais de Oklahoma, Estados Unidos, objetivando medir a aculturação e os efeitos das mudanças de comportamento das mulheres. Como achados, verificaram que o status conjugal e a idade estão correlacionados negativamente com aculturação, sugerindo que é mais provável que as mulheres hispânicas mais aculturadas sejam solteiras e jovens.

Valentine e Mosley (2000) compararam grupos da primeira e segunda geração de mexicanos com os americanos, constatando que as mudanças relativas aos papéis sexuais decorrem do aumento do número de oportunidades de emprego e estudo oferecidas aos mexicano-americanos nos Estados Unidos. Gowan e Trevi (1998) estudaram as atitudes de 76

mulheres mexicano-americanas e 62 homens mexicano-americanos em relação aos papéis femininos no mercado de trabalho e no cuidado com as crianças. Os resultados dessa investigação indicam que os homens mexicano-americanos expressaram uma visão mais tradicional relativa ao papel de mulheres e homens na família e na carreira do que as mulheres mexicano-americanas.

Isso pode repercutir no ambiente doméstico, na medida em que o mexicano-americano pode ter crenças de gênero tradicionais, as quais dificultam a inserção da mulher no mercado de trabalho, especialmente se tiver filhos. Além disso, trabalhar fora de casa diminui a dependência da mulher do homem, bem como a quantidade de tempo que ela despende para atender as necessidades dele.

Cabe lembrar que atualmente os homens estão mais envolvidos com questões familiares, porém é mais provável que as mulheres experimentem mais estresse nessa jornada dupla no trabalho e em casa (Dion & Dion, 2001; Gowan & Trevi, 1998). Mesmo que hoje as mulheres estejam investindo mais na carreira, elas carregam mais responsabilidades no que concerne à manutenção do lar e ao cuidado dos filhos, o que desvenda uma das desigualdades mais evidentes em nível cotidiano (Vicente, 1999).

Dion e Dion (2001) citam um estudo feito por Noh com mulheres imigrantes trabalhadoras que apresentaram oito vezes mais chances de desenvolver depressão do que os homens imigrantes nas mesmas condições de emprego. Nesse caso, a depressão é interpretada como resultado do processo de renegociação dos papéis familiares.

Além dos conflitos gerados no ambiente familiar, Gowan e Trevi (1998) verificaram que as mulheres podem vivenciar certa tensão no trabalho, caso o empregador seja mexicano-americano. Novamente a discriminação contra a mulher se inscreve quando o mexicano-americano, por não considerar a mulher pertencente ao mercado de trabalho, acaba não oferecendo as mesmas oportunidades para homens e mulheres.

Ao nos debruçarmos sobre os dados obtidos na pesquisa de Gowan e Trevi (1998), poderíamos levantar como hipótese que os homens americanos revelariam atitudes mais igualitárias relacionadas ao trabalho feminino. Entretanto, Acuña e Bruner (2001), ao compararem os estereótipos de masculinidade e feminilidade entre estudantes universitários do México e Estados Unidos, verificaram que não existiram diferenças significativas em relação ao grau que homens americanos e mexicanos se atribuem características estereotipadas masculinas. Tal apontamento nos conduz a pensar que os homens americanos também podem manifestar preconceito em relação ao emprego feminino.

Na verdade, a pesquisa de Pyke e Johnson (2003) com a segunda geração de imigrantes coreanas e vietnamitas na Califórnia, Estados Unidos, ilustra que os homens americanos podem tratar diferente as mulheres trabalhadoras, se elas forem imigrantes. Essas autoras explicam que o homem americano, ao preconceber que as mulheres asiáticas são subservientes, acabam se dirigindo às imigrantes de modo divergente ao tratamento dado às mulheres americanas. As asiáticas entrevistadas por Pyke e Johnson (2003) reportaram que empreendem esforços extras para não confirmar essas suposições acerca da submissão feminina asiática. O fato dessas asiáticas negociarem suas identidades em alguns contextos, mostrando-se mais falantes e sociáveis em oposição aos estereótipos raciais, desvela uma forma de construir o gênero forçado e inventado. Em outras palavras, elas negociam categorias raciais, a fim de usar identidades que as empoderam.

Isso se configura num jogo de identidades, no qual as participantes da pesquisa de Pyke e Johnson (2003) afirmam mudar sua personalidade como “camaleões”, dependendo do domínio cultural no qual se inserem. Como exemplo, as autoras descrevem o depoimento de uma das respondentes que afirma se comportar, dentro do grupo de asiáticas, conforme as expectativas da cultura asiática, isto é, mostrando-se reservada e passiva; enquanto se sente mais livre e espontânea diante de membros da cultura americana. De modo geral, a análise

das entrevistas realizadas por Pyke e Johnson (2003) sugerem que elas não se sentem quem elas realmente são no seu lugar étnico, porém experenciam seu self autêntico na cultura americana. Em virtude disso, não aceitam a feminilidade asiática e glorificam a feminilidade americana.

Essa percepção de que o desenvolvimento do gênero no mundo asiático é opressivo leva a segunda geração de imigrantes asiáticas a rejeitar a cultura étnica, escolhendo o modo americano de fazer o gênero. Abraçando o mundo branco para ganhar poder, essas asiáticas estão reforçando o racismo anti-asiático e a superioridade branca (Pyke & Johnson, 2003). Mesmo que a inserção na cultura americana se constitua numa prática libertadora para as mulheres asiáticas, uma vez que experimentaram uma nova possibilidade de ser mulher, percebemos que simplesmente creditar vantagens ao modo americano de fazer o gênero também se configura num aprisionamento para essas mulheres, pois ficam num beco sem saída entre preservar valores asiáticos ou assimilar a cultura americana. Essas duas possibilidades de construir sua feminilidade parece restringir outras múltiplas formas de ser mulher, o que, de algum modo, engessa o modo como essas mulheres asiáticas se constituem como sujeitos.

Da mesma forma que Gowan e Trevi (1998) identificaram conflitos nas famílias mexicano-americanas advindos do processo de aculturação, Pyke e Johnson (2003) constataram que as vietnamitas e coreanas experenciam tensão relativa às questões de gênero na dinâmica familiar, pois elas adquirem maior poder decisório e autonomia ao passo que seus maridos perdem o poder econômico e aumentam a dependência delas. Essa perda ou diminuição da autoridade do homem perpassa também as famílias açorianas analisadas por Feldman-Bianco e Huse (1995) nos Estados Unidos. Elas examinaram o modo como duas gerações de mulheres portuguesas constroem e reconstróem as suas memórias da terra natal no contexto de imigração em Massachussetts, Estados Unidos, observando que a imigração

significa empoderamento nas relações conjugais decorrente da distribuição igualitária dos afazeres domésticos e da conquista da independência econômica. Nesse cenário, as autoras atestam que as mulheres que migraram mais jovens costumam questionar os valores culturais e reconstruir as relações de gênero, inclinando-se, geralmente, pela identidade americana por considerarem a constituição do gênero feminino nos Açores como estático.

A inserção numa nova cultura pode gerar efeitos na relação conjugal, conforme constatado na tese de doutorado de DeBiaggi (2003). Essa autora pesquisou 50 famílias brasileiras em Boston, Estados Unidos, que apresentaram mudanças nas relações de gênero após a inserção feminina no mercado de trabalho. Assim, o emprego remunerado gerou não somente poder econômico, mas aumento da auto-estima e autoconfiança. Por sua vez, os homens imigrantes brasileiros sentiram rebaixamento do seu status, porém passaram a dividir as tarefas domésticas, a participar do cuidado dos filhos, mostrando-se também mais expressivos no relacionamento conjugal. As famílias imigrantes brasileiras também foram o objeto de estudo de Assis (2004), que identificou essa autonomia conquistada pelas mulheres e o sentimento de autoridade abalada vivenciado pelos homens não como algo destruturador, mas uma oportunidade de promover (re)arranjos nas configurações familiares.

As mulheres imigrantes iranianas melhoraram sua posição na família, quando passaram a trabalhar na Suécia. No Irã, elas encontravam-se excluídas de certas áreas do mercado de trabalho e, na Suécia, percebem que seu trabalho é considerado valioso (Lewin, 2001). Os homens imigrantes iranianos apresentam dificuldades em completar a sua educação na Suécia e em obter trabalho apropriado, pois se recusam a aceitar trabalhos abaixo de suas habilidades. Por outro lado, as mulheres iranianas têm aceitado empregos menos qualificados e continuam a sua educação em diferentes níveis. Essa alternância de status respinga nas relações conjugais, conforme dados que apontam o número de divórcios entre iranianos ser

maior do que entre suecos e muitos outros grupos de imigrantes na Suécia em 1995 (Lewin, 2001). Nesse caso, podemos verificar que as desigualdades persistem, pois elas não têm a opção de escolher seus trabalhos, porém o simples fato de não dependerem mais economicamente dos seus maridos gera satisfação nelas. É importante salientar que não é somente o emprego que proporciona relações mais igualitárias às mulheres, mas o fato da inserção na cultura americana favorecer que os direitos dessas mulheres sejam efetivados.

Lewin (2001) assinala que as mulheres iranianas têm sido mais bem-sucedidas em se adaptar na sociedade sueca devido à sua ocupação profissional e os direitos garantidos pela legislação sueca. Isso gera uma atitude positiva em relação à sociedade, aumentando o seu desejo por integração. Mesmo que, na Suécia, as mulheres não sejam consideradas tão iguais aos homens, o que importa para as mulheres imigrantes iranianas é o fato de terem adquirido mudança de seu status na família e no trabalho. Em contrapartida, os homens imigrantes iranianos não encontram, na Suécia, um trabalho que corresponda à sua educação, o que abala sua auto-imagem de figura dominante dentro da família e do círculo social. Com efeito, eles expressam uma atitude negativa em direção à sociedade sueca, não interagindo com a nova sociedade e desenvolvendo sintomas de depressão e suicídio. Nessa situação, Lewin (2001) interpreta que os iranianos encontram-se numa posição de serem considerados o outro na sociedade sueca, enquanto as iranianas ganham a possibilidade de superar a falta de poder pelo menos na estrutura da sua família.

A manutenção da identidade étnica em famílias indianas nos Estados Unidos foi tornando-se uma tarefa complexa devido à emergência de novas questões como namoro, casamento, obediência aos desejos dos pais. Diante desse contexto, Dasgupta (1998) se propôs a estudar 46 famílias imigrantes indianas de classe média, objetivando examinar indicadores da transmissão da cultura como atitudes em relação à mulher e ao namoro entre imigrantes indianos/as e seus filhos/as. Nessa pesquisa, a autora averiguou que muitas

mulheres da segunda geração se queixam sobre as prescrições rígidas de gênero que lhes são impostas, pois elas são mais monitoradas que seus irmãos. E coube às mães o papel de manutenção da cultura asiática, as quais são pressionadas a transmitir os papéis tradicionais de gênero, quando suas filhas tornam-se adolescentes. Em contrapartida, o grupo de pais e mães que expressou atitudes igualitárias de gênero manifestou altos graus de ansiedade. Dion e Dion (2001) confirmam que, em famílias imigrantes, o monitoramento do comportamento das filhas é maior do que o dos filhos, quando os valores familiares da sociedade de origem são díspares dos encontrados na sociedade receptora.

Nas famílias imigrantes, os pais esperam que as filhas tenham oportunidades educacionais e de carreira na sociedade receptora, apesar de almejam que elas se comportem conforme os valores da sociedade de origem (Dion & Dion, 2001). Essa expectativa dos pais de que as filhas mantenham a herança cultural da sociedade de origem, apesar de ser fonte de discórdia, é motivo de orgulho. As filhas de famílias imigrantes, por sua vez, apresentam menos visões tradicionais relativas às questões de gênero do que seus pares. Novamente percebemos que a migração não imuniza as desigualdades, pois embora as mulheres possam ter possibilidade de trabalhar e estudar, elas continuam recebendo tratamento diferenciado.

As mulheres imigrantes parecem ser pressionadas a preservar os valores do seu país de origem, pois Assis (2004) identificou que as mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos assumiam o papel de mantenedoras das redes sociais do país de origem, enquanto Dion e Dion (2001) constataram, através de estudo multiétnico com universitários/as, que as mulheres de famílias imigrantes nascidas no Canadá indicaram forte desejo em entender o significado da etnicidade das suas vidas, quando comparadas aos homens. Embora elas reportem maior envolvimento na participação etnocultural do que os homens, ambos/as não diferem no grau em que apresentam sentimento de pertencimento à bagagem etnocultural.

Até agora podemos identificar que os pontos de contato entre os estudos apresentados anteriormente sinalizam que “fazer-se homem ou mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em diferentes épocas” (Strey, 2001, p. 49). Identificamos que as mulheres imigrantes, descritas ao longo deste artigo através de pesquisas, adquiriram mais espaço no âmbito profissional e doméstico, porém ainda são conquistas tímidas perpassadas por desigualdades, uma vez que podem ser tratadas diferentemente de seus irmãos na família, e não podem escolher o seu trabalho na sociedade acolhedora. Quando assimilam a cultura local para se adaptar ao repertório de comportamento feminino, podem estar limitando a forma em que se constituem como sujeitos, pois ficam sem saída para o impasse entre assimilar a cultura local e manter a cultura de origem, e assim, essa escolha não é livre.

Considerações Finais

Sabemos que a temática das relações de gênero nas migrações internacionais não se esgota aqui no desfecho deste artigo, mas conseguimos realizar a nossa proposta em empreender uma reflexão sobre as mudanças nas relações entre homens e mulheres no fenômeno migratório. Assim, destacamos a necessidade de propiciar maior visibilidade às experiências das mulheres, por muito tempo, negligenciadas nos estudos sobre migração.

Ao fazer este estudo, partimos de um caminho interdisciplinar através dos estudos de gênero, do conceito de aculturação, enfocando que o contexto de migração incita mudanças de atitudes e valores. Percebemos que mulheres mais aculturadas, após a imigração, modificam sua posição em relação ao homem. Esse trânsito nas pesquisas migratórias nos possibilitou constatar que o gênero não é apenas uma identidade ou papéis aprendidos na infância, mas sim um sistema em constante movimento afetado pelo contexto cultural.

Diante do exposto, podemos afirmar que algumas mulheres imigrantes vislumbraram mais autonomia nas suas ações ao ingressar no mercado de trabalho, conquistar poder econômico e, assim, exigir de seus maridos participação nas atividades domésticas e cuidado dos filhos. No entanto, isso tende a acontecer, quando as mulheres se deslocam de uma sociedade mais patriarcal para uma sociedade mais liberal, pois, se elas se inserirem num país, onde a cultura também é tradicional, é possível que os valores sejam reforçados. Nessa direção, salientamos a construção das relações de gênero influenciada pelo contexto cultural, sem indícios de determinação biológica.

Entretanto, a emancipação das mulheres imigrantes pode ser permeada por relações de desigualdade com base na diferença, na medida em que cabe a elas transmitir a cultura de origem para sua prole e ainda monitorar o comportamento das filhas mulheres. Ainda esse tratamento diferenciado dado a homens e mulheres está presente na crença de que o trabalho feminino é secundário, como meio de ajudar o marido nas despesas domésticas. Enquanto houver mulheres e homens considerando as atividades femininas como segundo plano, elas não se constituirão como sujeitos da sua história e protagonistas ativas de sua vida, mas sim coadjuvantes guiadas pela dominação masculina.

Prosseguindo com nossas considerações, reiteramos a inclusão do gênero nas pesquisas migratórias como forma de propor novas formulações às velhas questões. Assim, tomamos conhecimento das peculiaridades das experiências das mulheres imigrantes em uma nova cultura, na qual elas assumem também o foco principal. Direcionar os holofotes para as mulheres imigrantes é permitir que elas sejam retratadas na sua própria trajetória de deslocamento, e não como mulheres que acompanham os filhos e maridos no fenômeno migratório.

Os conceitos de aculturação e das relações de gênero demonstram ser saberes complementares indispensáveis ao entendimento das migrações internacionais, na medida em

que navegar em mares culturais diferentes implica em se aculturar e, assim, descristalizar padrões de gênero rígidos. No entanto, percebemos que a mera assimilação da cultura local pelas mulheres imigrantes não é a melhor saída para o impasse das desigualdades nas relações de gênero, pois negando a cultura de origem e absorvendo automaticamente a cultura hospedeira, elas parecem ficar sem outras escolhas, ao não imprimir o seu modo de ser na maneira de fazer o gênero.

Esses aportes teóricos precisam ser interligados e, como tal, precisam ser considerados não somente em pesquisas sobre migrações internacionais, como em serviços de assistência que venham a acolher a população imigrante. Como vimos, profissionais embebidos de noções de gênero e aculturação podem estar mais capacitados para intervir junto à comunidade imigrante, sem incorrer no risco de medicalizar e diagnosticar conflitos culturais.

Referências

Acuña, L., & Bruner, C. (2001). Estereótipos de Masculinidad y Feminidad em México y em Estados Unidos. *Revista Interamericana de Psicología*, 35(1), 31-51.

Assis, G. (2004). “De Criciúma para Boston”: Tecendo Redes Familiares na Migração Internacional. In S. DeBiaggi, G. Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 111-134). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Baldwin, J., & DeSouza, E. (2001). Modelo de María and Machismo: The Social Construction of Gender in Brazil. *Revista Interamericana de Psicología*, 35(1), 9-29.

Berry, J., Poortinga, Y., Segall, M., & Dasen, P. (2003). *Cross-cultural psychology: Research and applications*. New York: Cambridge University Press.

Bertolote, S. (1994). Estereótipos, Educação e Saúde Mental da Mulher. *Educação & Realidade*, 19(2), 115-133.

Bilac, E. (1995). Gênero, família e migrações internacionais. In N. Patarra (Coord), *Emigração e imigrações internacionais no Brasil contemporâneo* (pp. 65-77). São Paulo: Funap.

Burin, M. (2004). Prefácio. In M. Strey, S. Cabeda & D. Prehn (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas* (pp. 9-12). Porto Alegre: Edipucrs.

Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Connel, R. (1995). Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-206.

Dasgupta, S. (1998). Gender Roles and Cultural Continuity in the Asian Indian Immigrant Community in the U.S. *Sex Roles*, 38(11/12), 953-912.

DeBiaggi, S. (2003). Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In A. Martes & S. Fleischer (Orgs.), *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais* (pp. 175-197). São Paulo: Paz e Terra.

Dion, K., & Dion, K. (2001). Gender and Cultural Adaptation in Immigrant Families. *Journal of Social Issues*, 51(3), 511-521.

Donato, K. (1992). Understanding U.S. Immigration: Why some countries send women and others send men. In D. Gabaccia (Ed.), *Seeking Common Ground: Multidisciplinary Studies of Immigrant Women in the United States* (pp.159-184). Westport, Connecticut, London, Praeger.

Espin, O. (1987). Psychological Impact of Migration on Latinas: Implications for Psychotherapeutic Practice. *Psychology of Women Quarterly*, 489-503.

Feldman-Bianco, B., & Huse, D. (1995). Entre a saudade da Terra e a América: mulheres imigrantes. *Estudos Feministas*, 3(1), 96-121.

Gowan, M., & Trevi, M. (1998). An Examination of Gender Differences in Mexican-American Attitudes Toward family and Career Roles. *Sex Roles*, 38, 1079-1093.

Hall, S. (2000). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (4º ed). Rio de Janeiro: DP&A editora. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

Hondagneu-Sotelo, P. (1992). Overcoming Patriarchal Constraints: The Reconstruction of Gender Relations among Mexican Immigrant Women and Men. *Gender & Society*, 6(3), 393-415.

Kosminsky, E. (2004). Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. *Cadernos Pagu*, 23, 279-328.

Kranau, E., Green, V., & Valencia-Weber, G. (1982). Acculturation and the Hispanic Woman: Attitudes Toward Women, Sex-Role Attribution, Sex-Role Behavior, and Demographics. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 4(1), 21-40.

Leite, M. L. M. (1997) Mulheres viajantes do século XIX. In M. Schpun (Org.), *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero* (pp. 25-42). Florianópolis: Editora Mulheres.

Lewin, F. A. (2001). Identity Crisis and Integration: The Divergent Attitudes of Iranian Immigrant Men and Women towards Integration into Swedish Society. *International Migration*, 39(3), 121-135.

Lim, I. (1997). Korean Immigrant Women's Challenge to Gender Inequality at Home: The Interplay of Economic Resources, Gender, and Family. *Gender & Society*, 11(1), 31-51.

Louro, G. (1995). Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, 20(2), 101-132.

Louro, G. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (2ªed). Petrópolis: Vozes.

Pereira, V. L. (2004). Gênero: Dilemas de um Conceito. In M. Strey, S. Cabeda & D. Prehn (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas* (pp. 173-198). Porto Alegre: Edipucrs.

Pyke, K., & Johnson, D. (2003). Asian American Women and Racialized Feminities: “Doing” gender across Cultural Worlds. *Gender & Society*, 17(1), 39-53.

Santana, C. L. A., & Neto, F. L. (2004). Psicodinâmica e Cultura: implantação de um programa de saúde mental para refugiados em São Paulo. In S. DeBiaggi, G. Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 111-134). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.

Simon, R. (1992). Sociology and Immigrant Women. In D. Gabaccia (Ed.), *Seeking Common Ground: Multidisciplinary Studies of Immigrant Women in the United States* (pp. 23-40). Westport, Connecticut, London, Praeger.

Soto, E., & Shaver, P. (1982). Sex-Role Traditionalism, Assertiveness, and Symptoms of Puerto Rican Women Living in the United States. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 4(1), 1-19.

Strey, M. (2001). Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In P. Grossi & G. Werba (Orgs.), *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: Edipucrs.

Valentine, S., & Mosley, G. (2000). Acculturation and Sex-Role Attitudes Among Mexican Americans: A Longitudinal Analysis. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 22(1), 104-113.

Vicente, A. (1999). As mulheres nos Mundos de Hoje. In H. Holanda & M. Capelato (Orgs.), *Relações de Gênero e Diversidades Culturais nas Américas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. São Paulo: Edusp.

Weinberg, S. (1992). The Treatment of Women in Immigration History: A Call for Change. In D. Gabaccia (Ed.), *Seeking Common Ground: Multidisciplinary Studies of Immigrant Women in the United States* (pp. 3-22). Westport, Connecticut, London, Praeger.

Williams, S. (2002). Trying on Gender, Gender Regimes, and the Process of Becoming Women. *Gender & Society*, 16(1), 29-52.

Woodward, K. (2001). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

ARTIGO EMPÍRICO 1

ESTUDANTES ESTRANGEIROS/AS LATINO-AMERICANOS/AS NO RIO GRANDE DO SUL: ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO NO PROCESSO DE ACULTURAÇÃO

Latin American Foreign Students in Rio Grande do Sul:
Adaptation Strategies in Acculturation Process

Roberta de Alencar Rodrigues

Marlene Neves Strey

Resumo

Este trabalho apresenta o processo migratório de estudantes estrangeiros/as latino-americanos no Rio Grande do Sul. Buscou-se, a partir de entrevistas com seis estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, identificar as facilidades e dificuldades encontradas por esse grupo no processo de aculturação, e as estratégias de adaptação. Também se procura verificar se os homens e as mulheres deste estudo vivenciam a imigração de forma diferenciada. Os resultados apontam que as maiores dificuldades estão relacionados à moradia, à alimentação, ao clima e ao idioma, enquanto as facilidades dizem respeito à habilidade de comunicação interpessoal e atitudes como persistência. Diante do cenário de globalização, propõe-se que as universidades estejam equipadas para acolher esse grupo, facilitando acesso a moradia, cursos de idioma, dentre outras.

Palavras-chave: relações de gênero; migrações internacionais; aculturação.

Abstract

This paper presents the migration process of Latin American foreign students in Rio Grande do Sul. We have tried, through interviews with six Latin American foreign students, to identify the easiness and the hardships found by that group in the acculturation process and their adaptation strategies as well. We have also sought to verify if men and women of this study experienced migration in different ways. The findings points out that the greatest difficulties are related to housing, food, climate and language, while the easiness refers to interpersonal communication and attitudes such as persistence. Due to the globalization scenario, we propose that universities be prepared to received such a group, facilitating their access to housing and language courses.

Key words: gender relations; international migration; acculturation.

Este artigo se assenta no estudo do processo migratório de seis estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as regularmente matriculados/as em universidades do Rio Grande do Sul. Assim, o nosso interesse consiste em investigar os aspectos psicossociais presentes no deslocamento desses/as alunos/as, mostrando também como as questões de gênero se inscrevem nesse processo de inserção em uma nova cultura.

Pode-se dizer que as migrações são uma marca da história da humanidade, pois como bem afirmam Sarriera, Pizzinato e Meneses (2005), não há um país no mundo que não tenha sido constituído a partir de alguma migração. É no final do século XIX, com os fluxos migratórios em direção aos países do Novo Mundo, segundo aponta Ramos (2003), que a questão migratória assume importância e torna-se objeto de estudo.

Dentre os países do Novo Mundo, o Brasil aparece como um local de recepção de imigrantes, a partir dos anos setenta do século XIX (Bassanezi, 1995). Essa entrada de imigrantes foi facilitada por políticas de subsídios do governo brasileiro que, tendo em vista o aumento do preço do escravo, decorrente da proibição do tráfico negreiro, incrementaram a utilização da mão-de-obra dos na cafeicultura no Oeste paulista. Além da demanda de pessoas para trabalhar nas fazendas e, posteriormente, nas indústrias, outros fatores de natureza ideológica contribuíram para o ingresso de imigrantes no país, como a necessidade de constituição de um povo de sangue branco e integrado nos padrões culturais homogêneos (Bassanezi, 1995; Vainer, 1995).

Os fluxos migratórios, que se destinavam ao Brasil, desde sua Independência até o século XX, tiveram origem no continente europeu (Zamberlan, 2004). No entanto, a implementação de políticas de estímulo ao desenvolvimento científico e tecnológico, por volta dos anos 70, atraiu imigrantes provenientes de países latino-americanos (Huayhua, 2004). Essa mudança no quadro migratório se reflete nos dados apresentados por Zamberlan (2004), ao elucidar que, em 1940, os migrantes procedentes da Europa, no Brasil,

representavam 80,12% e, em 2000, passam a ser 56,27% do universo de imigrantes. Identifica-se um crescimento do número de imigrantes provenientes da América Latina, pois em 1940, perfaziam 5,48% e passam a totalizar em 23,35% da população de imigrantes no Brasil.

Em relação ao Estado do Rio Grande do Sul em 1940, os/as imigrantes europeus e européias somavam cerca de 70,84% da população imigrante, enquanto os/as latinos/as configuravam 26,28% desse quadro. Esse cenário se modifica a partir de 2000, com os/as imigrantes latinos/as totalizando 60,39%, e os europeus e as européias sendo 28,66% desse universo (Zamberlan, 2004).

Esse cenário com preponderância latina também se refletiu no meio acadêmico, levando o governo brasileiro a criar medidas para absorver essa população. Registros históricos apontam que, desde o início do século passado, há presença de estudantes latino-americanos/as que vinham ao Brasil por conta própria. Além disso, as relações brasileiras com outros países latino-americanos se acentuaram com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, favorecendo intercâmbios estudantis na década de 40. Em virtude dessa demanda, o governo brasileiro estabeleceu Convênio de Cooperação Cultural Bilateral, para facilitar o ingresso desses/as estudantes em universidades brasileiras, sem precisar prestar vestibular. É somente em 1964 que esses convênios passam a ser chamados de Programa de Estudante Convênio (PEC-G) pelo Ministério das Relações Exteriores (Manual PEC-G, MRE).

O objetivo do PEC-G é assegurar que estudantes provenientes de países da América Latina e do continente africano possam estudar a graduação gratuitamente em várias instituições de ensino superior espalhadas pelo Brasil. No primeiro semestre de 2006, dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)¹ indicam um total de 17 estudantes latinos/as e 41 africanos/as vinculados ao PEC-G. Já na Pontifícia Universidade Católica do

¹ Dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROGRAD) e pelo Departamento de Controle e Registro Discente (DECORDI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Rio Grande do Sul (PUCRS)², são 12 estudantes latinos/as e 24 africanos ligados ao PEC-G. Há também o Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), que visa formar cidadãos/ãs provenientes da América Latina e África em cursos de pós-graduação em instituições de ensino brasileiras, reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Quanto aos/às estudantes latinos/as PEC-PG, verificam-se 26 na UFRGS e 1 na PUCRS. Entretanto, contabilizam-se mais 75 alunos/as estrangeiros/as latinos/as da UFRGS e 1 da PUCRS que estão fazendo cursos de pós-graduação e vieram para o Brasil por iniciativa individual. Dentre os/as alunos/as estrangeiros/as latino-americanos/as não vinculados ao PEC-G, há 20 argentinos/as, 4 chilenos, 1 mexicano e 4 uruguaios cursando graduação na UFRGS.

O Ministério das Relações Exteriores³ divulgou que, em 2007, as instituições de ensino superior gaúchas que acolherão os 11 latinos/as selecionados para o PEC-G são: UFRGS (6); Fundação Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFCMPA) (1); Fundação Universidade de Rio Grande (FURB) (1); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (1); PUCRS (1); Universidade de Caxias do Sul (1).

O universo de alunos/as estrangeiros/as vinculados a cursos de graduação da PUCRS contempla os seguintes países no primeiro semestre de 2006: Alemanha (14); Espanha (2); Japão (3); China (19); França (4); Coreia (2); Nova Zelândia (1); Reino Unido (1); Austrália (1); Estados Unidos (1). E da UFRGS: Alemanha (21); Canadá (3); Espanha (13); Estados Unidos (17); Finlândia (1); França (13); Marrocos (2); Polônia (1); Portugal (13); Romênia (1); Tunísia (1). Diante desses dados, nos propomos a pesquisar a população dos/as

² Dados fornecidos pela Assessoria para Assuntos Internacionais e Interinstitucionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

³ Dados divulgados pelo Ministério das Relações Exteriores, acessado em http://www.cer.mre.gov.br/PEC-G/1_Selecionados_PECG2007.htm.

estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, por se tratar de uma população cuja presença no Brasil é crescente desde o início do século passado.

Cruzar fronteiras geográficas não se constitui na única tarefa com a qual esses/as estudantes se deparam. O deslocamento físico é o primeiro passo de várias mudanças que estão por vir, como culturais, lingüísticas, entre outras. Nesse intuito, recorreremos ao conceito de aculturação desenvolvido pela Psicologia Social, mais especificamente pela Psicologia Intercultural, para abordar as mudanças ocorridas nos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as após o contato com a cultura brasileira. Nessa perspectiva, também mostramos as atitudes dos estudantes e das estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as em direção à adaptação na sociedade hospedeira, o que nos encaminha a abordar o conceito de gênero.

A Psicologia Intercultural preocupa-se em descrever a diversidade humana no mundo, levando em conta a relação entre o comportamento individual e o ambiente cultural (Berry, Poortinga, Segal & Dasen, 2003). Outro objetivo desse campo de estudo é analisar a adaptação psicológica dos indivíduos e grupos ao mudarem de cultura (Sarriera et al., 2005). Em função disso, torna-se tarefa desse campo de estudo identificar os fatores que facilitam a adaptação numa cultura estrangeira, tendo em vista o bem-estar de imigrantes (Dovidio & Esses, 2001).

Ao longo da história, o conceito de aculturação já assumiu diferentes designações. Segundo Padilla e Perez (2003), foram primeiramente os sociólogos da Universidade de Chicago, como Robert Park, por volta de 1914, que se preocuparam em teorizar sobre o processo pelo qual recém-chegados/as à América incorporavam a cultura majoritária. Nesses estudos iniciais, a ênfase foi identificar o modo como esses aprendiam a se acomodar à cultura dominante nos Estados Unidos, para minimizar o conflito. Mais tarde, os antropólogos Redfield, Linton e Herskovits desenvolveram o modelo de Park, propondo que

o contato entre grupos de indivíduos de diferentes culturas gera mudanças no padrão de cultura original de cada grupo.

Vinte anos depois do modelo de Redfield, Linton e Herskovits, Padilla e Perez (2003) explicam que a dimensão psicológica foi incluída no construto de aculturação, no qual os sistemas de valores e fatores de personalidade passaram a contribuir no modo como indivíduos de diferentes culturas se acomodam quando entram em contato. Essa nova definição promoveu o entendimento de que a mudança de uma orientação cultural para outra é seletiva, levando as pessoas envolvidas no contato intercultural a decidirem que elementos da cultura de origem eles/as desejam manter e que elementos eles/as querem incorporar da nova cultura.

A aculturação é um conceito originário da Antropologia, mas, no presente trabalho, o entendimento deste termo se dá através do enfoque da Psicologia Intercultural. A aculturação é um construto complexo, referindo-se, de um modo geral, às mudanças que acontecem quando duas culturas entram em contato contínuo (Berry et al., 2003; Phinney & Flores, 2002; Sam & Berry, 1997). Reiterando com Sarriera (2000, p. 179), a aculturação é “o processo que acontece quando pessoas ou grupos, procedentes de diferentes contextos culturais, entram em contato regular com outra cultura no meio da qual têm que refazer suas vidas”.

A aculturação pode ser vista como um fenômeno tanto do nível grupal quanto do individual. Em nível individual, as mudanças psicológicas experimentadas denominam-se aculturação psicológica (Berry, 2004), que consiste nas transformações dos valores, das crenças e dos costumes do/a imigrante (Huayhua, 2004). É importante a distinção entre o nível grupal e individual, uma vez que, no nível individual, ocorrem mudanças na identidade e valores, enquanto, no nível grupal, as modificações acontecem na estrutura social, na

organização política. No presente artigo, versaremos sobre a aculturação psicológica de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as.

Apesar desse conceito fundamentar-se na idéia de que ambos os grupos mudam, Sam e Berry (1997) advertem que o processo de modificação é maior num dos casos, geralmente, no grupo não-dominante. Em função disso, a maioria das pesquisas sobre aculturação estão direcionadas aos grupos não-dominantes (Berry, 2004), o que nos leva a avaliar o impacto da experiência de contato entre grupos culturais diferentes nos estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, ao invés de examinar os efeitos desse encontro intercultural nos membros da sociedade brasileira. Além disso, cabe salientar que o processo de aculturação dos indivíduos do mesmo grupo étnico nem sempre ocorre do mesmo modo e na mesma intensidade (Berry et al.).

Estudos (Félix-Ortiz, Newcomb & Myers, 1994; Gowan e Trevi, 1998; Padilla e Perez, 2003) apontam que a aculturação não é um processo linear de desistir da cultura de origem e tornar-se membro da nova sociedade. As pesquisas na área de aculturação indicam que os indivíduos podem mudar ao longo de duas dimensões que consistem na manutenção da cultura original e o grau de envolvimento na nova sociedade.

Isto posto, apresentamos um modelo elaborado por Sam e Berry (1997) e Berry et al. que disponibiliza quatro estratégias aculturativas, contemplando as dimensões da aculturação anteriormente descritas. Essas estratégias, na verdade, são as maneiras como um grupo ou indivíduo em processo de aculturação estabelece contato com a cultura hospedeira. A estratégia de assimilação é a maneira como os grupos não conseguem preservar sua identidade cultural e acabam incorporando a cultura hospedeira. É oportuno esclarecer que, nesse modelo, a aculturação não denota assimilação tal como utilizado na Antropologia, pois assimilação aqui é uma das formas de aculturação. A estratégia de separação consiste no grupo não-dominante tentando manter sua cultura original e evitando interagir com o novo

contexto cultural, o que revela um mínimo de desprendimento cultural somado a um mínimo de aprendizado da nova cultura. A terceira estratégia é a de integração, na qual a pessoa empreende esforços em manter a cultura original e, ao mesmo tempo, interage com outros grupos culturais. Por último, a estratégia de marginalização abrange escassas chances de preservar a cultura de origem, assim como de se relacionar com outros grupos culturais, o que revela um máximo de desprendimento cultural associado a pouco aprendizado cultural.

Além desse modelo multidimensional descrito acima, Padilla e Perez (2003) também apresentam uma perspectiva para avaliar a aculturação, a partir de duas dimensões que são a consciência cultural e a lealdade étnica, o que produz múltiplos resultados. A consciência cultural representa o conhecimento implícito que indivíduos têm da cultura de origem e da cultura hospedeira, isto é, aspectos como a proficiência do idioma de cada cultura, conhecimentos de eventos históricos significativos que moldaram as culturas, padrões de comportamento que modulam como as pessoas conduzem a si mesmas. Sendo assim, as pessoas menos aculturadas, nesse modelo, demonstram mais conhecimento da sua herança cultural do que do novo contato cultural.

Tendo em vista que o fenômeno central da aculturação é o de mudança de comportamento, uma vez que todo o repertório comportamental está sujeito à mudança após o envolvimento do indivíduo com outras culturas, faz-se necessário discutir também o conceito de identidade, uma vez que as crenças sobre si mesmas que as pessoas têm são questionadas ao entrar em contato com outra cultura. Nesse sentido, as identidades são provisórias, fluidas, inacabadas (Hall, 2001; Silva, 2001; Woodward, 2001), tornando-se mais salientes sob condições de mudança, como a migração. Como bem sugere Phinney (2004, p.59) “a identidade é um processo, não é algo dado, deve ser negociada em face de mudanças pessoais e sociais”.

Berry (2004) propõe que a identidade cultural é outro enfoque paralelo à compreensão das estratégias de aculturação. A noção de identidade cultural se refere às crenças sobre si mesmos e atitudes que os indivíduos possuem em relação a membros de seu grupo cultural. Esse autor explica que do mesmo modo que as estratégias de aculturação estão baseadas na manutenção da própria cultura e no envolvimento com outras culturas, a identidade cultural é formada a partir da identificação com seu próprio grupo cultural e da identificação com a sociedade dominante.

Finalmente abordamos nosso último conceito base de nosso estudo, que é o termo gênero. Diversas autoras retratam que o conceito de gênero pode ser enfocado de muitas maneiras, mas há unanimidade entre as correntes teóricas em defini-lo segundo seu caráter relacional, rejeitando o determinismo biológico (Burin, 2004; Pereira, 2004; Scott, 1995; Strey, 2001). Podemos definir o gênero como imagens prescritas pela sociedade de como homens e mulheres devem ser, mostrando que esse conceito não é estático, podendo ser alterado conforme as necessidades da sociedade (DeBiaggi, 2002). Nesse sentido, abordamos esse conceito para refletir sobre os modos pelos quais os homens e as mulheres estrangeiros/as latino-americanos/as deste estudo se adaptam à sociedade brasileira, sem privilegiar se são os homens ou se são as mulheres que são melhor sucedidos/as no processo de aculturação.

Método

A escolha em desenvolver uma pesquisa qualitativa deve-se ao fato de esta ser uma investigação ancorada em dados sociais, edificados por meio de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, sendo primordiais a interpretação dos fenômenos e a atribuição dos significados (Silva & Menezes, 2005). Nesse sentido, através desse tipo de pesquisa,

pretende-se conhecer os significados que os/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as atribuem à experiência migratória temporária.

Participaram deste estudo seis estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, regularmente matriculados/as em cursos de graduação ou pós-graduação de instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul. A denominação estrangeiro/a se deve ao fato de possuírem o visto temporário IV concedido pela Polícia Federal a estudantes de outros países. Primeiramente, esses/as alunos/as foram contatados através dos órgãos responsáveis pelo seu registro. Entretanto, como as instâncias responsáveis por seu ingresso nas universidades não puderam nos disponibilizar contatos por medida de sigilo, optamos em tornar público a pesquisa por meio de cartazes distribuídos nos prédios de uma instituição de ensino superior pública e de uma instituição de ensino superior privada.

Desse modo, participaram estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as que nos telefonaram ou nos enviaram email, após tomar conhecimento da pesquisa pelo cartaz, advindos de países da América Latina (Chile, Equador, Nicarágua, Paraguai, Peru). A idade dos/as participantes variou de 21 a 36 anos, e o tempo de permanência no Brasil de 1 a 10 ano/s. Três participantes cursam o Mestrado numa instituição de ensino superior pública em áreas diversas (Ciências Sociais, Ciências da Terra e Ciências Econômicas), e os/as outros/as três estão fazendo a graduação (Ciências Humanas e Engenharia) numa instituição de ensino superior privada. Os/as participantes aqui referidos podem não representar todos/as os/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as que vieram para o Brasil, mas as suas experiências de vida, os seus valores e as suas opiniões representam grande parte do processo geral de adaptação desse grupo étnico neste período histórico (primeiro semestre de 2006) e na sociedade gaúcha em que se fixaram. E, finalmente, devemos incluir uma rápida descrição da primeira autora, com experiência pretérita como estudante estrangeira latino-americana no

Canadá, e da segunda autora também como estudante estrangeira latino-americana na Espanha.

A coleta dos dados deu-se por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas em local combinado com os/as estudantes. Como procedimento inicial, adotou-se perguntar a todos/as participantes como tinha sido o processo de vinda ao Brasil e a experiência na universidade. Durante o restante do tempo, a entrevistadora acrescentava alguns questionamentos, caso percebesse que a resposta do/a participante à pergunta inicial não contemplasse todas as questões norteadoras da pesquisa. São elas: “Quais são as estratégias aculturativas predominantemente utilizadas pelos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as?”; “Quais os fatores que facilitam e quais os que dificultam o processo de aculturação de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as?”.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, com o consentimento prévio de cada participante, que também assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para a análise dos dados, optamos pela abordagem discursiva de Michel Pêcheux, que objetiva compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as maneiras de produção social do sentido (Minayo, 1998). Como pressupostos teóricos, a Análise de Discurso considera que o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, mas exprime posições ideológicas presentes no processo sociohistórico, no qual as palavras são produzidas. Sendo assim, esse procedimento de exame do *corpus* pretende inferir, a partir dos efeitos de superfície, uma estrutura profunda, que são os processos de produção.

O discurso é entendido como sendo “efeitos de sentidos entre locutores, um objeto sociohistórico em que o lingüístico está pressuposto. Critica a evidência de sentido e o sujeito intencional que está na origem do sentido”(Orlandi, 2005, p.11), tornando-se tarefa do analista do discurso compreender como um texto produz sentidos. Do mesmo modo, no discurso, há a representação que cada um dos interlocutores faz de si e do outro e a relação

que eles estabelecem com a formação ideológica. Em função disso, a análise de discurso é adequada para identificar relações de poder inscritas na linguagem (Cappelle, Melo & Gonçalves, 2003).

Outro conceito importante proposto por Pêcheux na Análise de Discurso, segundo Lima (2003, p. 84), é a memória, a qual é tratada nessa perspectiva como interdiscurso. Este é o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do já-dito. Em outras palavras, o interdiscurso “é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. Orlandi (2005), também fundamentada em Pêcheux, reitera que o interdiscurso está relacionado à memória discursiva, na qual se fazem presentes diferentes discursos provenientes de vários momentos da história e diversos lugares sociais inscritos no interior de uma formação discursiva (Fernandes, 2005). Assim, uma formação discursiva nunca é homogênea e pura, uma vez que é constituída por diferentes discursos, os quais expressam uma determinada formação ideológica numa situação social específica.

Percebemos que o processo de aculturação pressupõe relações de poder entre os grupos dominante e não-dominante, as quais a Análise de Discurso pretende trabalhar, uma vez que seu objetivo é identificar relações de poder escondidos sob a linguagem. Outro ponto de contato entre a Análise de Discurso e o conceito de aculturação é o fato de que as imagens que o grupo dominante tem do grupo não-dominante, bem como o lugar que o grupo dominante atribui a si e ao grupo não-dominante afetam a aculturação.

Resultados e Discussão

O *corpus* consiste em formulações de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as sobre o seu processo de aculturação obtido mediante entrevistas semi-estruturadas. A partir desse material, foram delimitados recortes, buscando explorar marcas lingüísticas para a análise. Através dessas marcas, são examinados os efeitos de sentido relacionados à

constituição da posição que o sujeito ocupa no discurso, constituindo assim seu lugar de enunciar.

Quando se pede a cada estudante que fale sobre sua vinda ao Brasil e sua experiência na universidade, ele/a está convocado/a a produzir sentidos a tópicos que lhe vêm a memória, que fazem parte de formações discursivas a eles/as pré-existentes, com os quais se deparam. Isso é possível, porque eles/as recorrem à língua para representar a sua significação sobre os temas questionados. Levamos em conta que, dentre a natural dispersão dos sentidos emergidos no discurso, os/as participantes vão objetivar alguns desses sentidos, procurando responder às solicitações da entrevista.

Isto posto, passamos a contextualizar, como ponto de partida, o processo de chegada ao Brasil dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as investigados⁴. Mercedes está no Brasil há dois anos, chilena, 30 anos, estudante de pós-graduação em Ciências Sociais de uma instituição de ensino superior pública, veio através do governo do seu país para trabalhar no Brasil, residindo nos primeiros cinco meses, na casa da mãe de um amigo e, posteriormente, alugou um apartamento. Durante essa estada, tomou conhecimento do programa PEC-PG, passando a estabelecer contatos com professores/as de instituições de ensino superior brasileiras para se candidatar a uma vaga.

Silvina, peruana, 28 anos, estudante de pós-graduação em Ciências Econômicas de uma instituição de ensino superior pública, chegou ao Brasil para iniciar seu Mestrado há dois anos. Já morou por seis meses na Europa. Durante a sua graduação no Peru, fez um estágio em Tocantins, Brasil, quando, além de conhecer o Brasil, fez amizade com um colega gaúcho que a convidou para passar as férias no Rio Grande do Sul. Após a conclusão desse estágio, voltou ao Peru e passou a pesquisar na Internet sobre cursos de pós-graduação no Rio

⁴ Os nomes dos/as participantes desta pesquisa foram trocados por questões éticas e confidenciais e, por isso, utilizaremos nomes fictícios.

Grande do Sul. A partir disso, fez contatos com as universidades e veio para Porto Alegre por conta própria, sem auxílio de nenhuma bolsa de estudo ou Programa PEC-PG.

Dariana, equatoriana, 21 anos, estudante de graduação de Ciências Humanas de uma instituição de ensino superior privada, mora em Porto Alegre há um ano. No Equador, cursava faculdade de Ciências Artísticas, quando soube do Programa PEC-G e começou a estudar português, visando à candidatura ao Programa. Após o término do Ensino Médio no seu país, morou seis meses na Europa, já tendo, então, uma experiência prévia no exterior.

Gaston, peruano, 26 anos, estudante de pós-graduação em Ciências Agrárias e Veterinárias de uma instituição de ensino superior pública, reside há 1 ano no Brasil. No seu país, não conseguiu se classificar no Programa PEC-PG, porém veio ao Brasil por conta própria, pois já tinha sido aceito por um orientador de uma instituição de ensino superior brasileira. Durante o curso de pós-graduação, teve inicialmente a ajuda financeira dos pais e, agora, tem uma bolsa de estudos, porém não é estudante PEC-PG.

Hernan, paraguaio, 24 anos, estudante PEC-G de Engenharia, foi inicialmente estudar em uma universidade pública do Paraná, mas não gostou. Assim, pediu transferência para uma instituição de ensino superior privada do Rio Grande do Sul, totalizando 4 anos no Brasil.

Salvador, nicaragüense, 36 anos, estudante PEC-G de Engenharia, cursou inicialmente a faculdade em uma universidade pública do Rio de Janeiro. Como a sua namorada veio trabalhar em Porto Alegre, solicitou transferência para uma instituição de ensino superior privada da Grande Porto Alegre, perfazendo 10 anos no Brasil.

De posse de algumas características dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as estudados, procedemos a análise, buscando identificar os efeitos de sentido produzidos pela experiência migratória. Mesmo que a migração desses/as participantes seja temporária, as inevitáveis mudanças nos ambientes físico e cultural podem modificar os

padrões habituais de funcionamento biológico e emocional (Mota, Franco & Motta, 1999). Iniciemos a análise das dificuldades enfrentadas pelos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as na sua experiência no Brasil representadas nos seguintes pronunciamentos:

(1) Um aspecto para mim foi a comida (...) nossa comida lá no Peru, né, é muito com base no peixe, né. Peixe a gente come muito peixe, né. E aqui é raro, aqui é mais carne (...) Isso você sentia um pouco mal, sentia além de burra, porque não entendia o Mestrado, me sentia gorda, me sentia feia. Então, isso chateava, isso chateia, você se sente assim, né (Silvina, peruana).

(2) Sempre gostei de me aventurar, sempre adorei viajar sabe, então me vim, mas que nunca pensei que a minha saudade me vá atrapalhar a minha vida um pouco sabe (...) no primeiro ano, queria insistir em, assim, voltar sabe. Ai eu liguei para casa, e ela falou, fica aí, não te preocupe, aqui está igual as coisas, então eu decidi ficar aí. (Salvador, nicaragüense).

Com relação à fala (1), nota-se a resistência de Silvina diante da contingência de ter de se habituar aos hábitos alimentares brasileiros, constituindo-se um fator agravante na experiência migratória, uma vez que a comida é um dos elementos que corrobora a identidade do sujeito (Sebben, 1996). Essa resistência fica marcada no uso dos termos “nossa”, “lá” e “a gente”, mostrando certo apego à alimentação peruana, e emitindo seu julgamento de que, no Brasil, “é raro” comer muito peixe. Além disso, delimita a fronteira entre as pessoas do Peru e do Brasil, no qual o “lá” diz respeito às formações discursivas do Peru, e o “aqui” se refere às formações discursivas do Brasil.

A refeição também é apontada como uma das principais dificuldades dos/as estudantes africanos/as investigados por Sarriera, Wagner, Frizzo e Berlim (2002), pois estranharam o excesso de carne bovina. Assim como a alimentação, a mudança do clima se apresenta como outra variável com a qual Dariana se deparou, pois ela revela sentir falta da

paisagem e se queixa da sua chegada, “*tava muito quente (...) eu não tava acostumada e era muito estranho, assim*”. Essa sensação de estranhamento parece mostrar a sua dificuldade em se inserir num novo lugar. Desse modo, a chegada a um novo lugar gera a necessidade do aprendizado de novas habilidades para se adaptar ao clima e aos alimentos que se apresentam como espaço da diferença. Isso pode se configurar em uma experiência inicial de estranhamento, que, muitas vezes, leva à disfunção emocional (depressão) e repercussões físicas (ganhar peso), conforme verificamos no relato de Silvina (Sarriera et al., 2005).

A reiteração da palavra *sabe* no enunciado (2) representa um corte no fio do discurso, que sugere uma reflexão sobre o que ele fala. Assim, o efeito de sentido produzido por essa repetição do *sabe* parece acentuar as reformulações que ele faz sobre sua formulação, marcando o entrecruzamento de posições. Isto é, seu discurso abriga posições divergentes, na medida em que sempre se considerou uma pessoa aventureira e ficou surpreso com o fato de perceber que a saudade poderia lhe atrapalhar. Lidar com a saudade constitui-se uma tarefa da experiência migratória dos/as estudantes moçambicanos/as pesquisados por Subuhana (2005) no Rio de Janeiro e dos/as estudantes africanos/as analisados por Sarriera et al. (2002) e Mungoi (2006) no Rio Grande do Sul. A saída para o impasse são os telefonemas para a família de origem, o uso da Internet, pois com o passar do tempo, a saudade passa a atenuar. Neste intuito, pode-se dizer que a saudade é um dos ingredientes da emigração, podendo assumir várias conotações através de cartas, telefonemas, busca de alimentos conhecidos como forma de resgatar vínculos histórico temporais (Sebben, 1996).

Gaston, peruano, diz que sua vinda ao Brasil foi difícil, pois além de não conhecer ninguém daqui anteriormente, “*é triste chegar no aeroporto e ninguém te receber*”, o que reforça os efeitos de sentidos produzidos nos discursos dos/as estudantes africanos/as inquiridos por Mungoi (2006, p.83). Essa pesquisadora também ressalta como problema a recepção dos/as estudantes estrangeiros/as, porque ninguém os/as recebe no aeroporto e

muitos viajam de seus países sem nenhuma indicação de hospedagem, caracterizando “um momento de abandono e aventura”. Assim, tanto os homens quanto as mulheres relataram dificuldades, não existindo diferenças na percepção e na intensidade das dificuldades.

Essa experiência da chegada ao Brasil se acentua quando os/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as se deparam com dificuldades administrativas e burocráticas como aluguel de moradia, abertura de conta bancária, sinalizando a necessidade do Brasil se dar conta de que está inserido num mundo globalizado. Vejamos alguns recortes:

(3) Ah, imobiliária é uma coisa, é um grande empecilho para alguém de fora, porque, olha, imagina que quando eu quis alugar, eu não tinha fiador, eles pediam um fiador que tivesse dois imóveis, que fosse dono de dois imóveis, só que eu não conhecia ninguém com essas características, então eu disse ta, mais olha, eu tenho dinheiro para pagar um ano completo de uma vez, não, essa imobiliária não funcionava assim. (...) eu vim aqui com um visto de seis meses com a possibilidade de renovar aqui. Eu renovei aqui e tive que pagar a carteira de novo, ta, mas essa carteira demora, demora, demora, tu não tem noção quanto demora (...) Eu não posso abrir conta sem aquela carteira, não posso. No banco, por exemplo, eu não posso abrir conta (Mercedes, chilena).

(4) Problema foi mesmo arrumar moradia, porque esse sistema de aluguel que vocês têm aqui, meu Deus, é uma coisa incrível, uma desconfiança total do fiador e tal. Países como nos Estados Unidos, Peru, Argentina, tu vai com o dinheiro e tu aluga. Claro, tu dá uma garantia, um mês de garantia, mas esse sistema de fiador é para ninguém alugar (Gaston, peruano).

Mercedes, Silvina, Gaston e Hernan tiveram dificuldades em alugar moradia devido à burocracia imposta das imobiliárias em exigir fiador, o que se pode inferir que o efeito de sentido da demora está vinculado aos discursos dos/as participantes desta

pesquisa e também das investigações realizadas por Sarriera et al. (2002) e Mungoi (2006) com estudantes africanos/as. Além da demora, o uso dos termos “empecilho”, “eu não posso”, “é para ninguém alugar” nas falas (3) e (4) reitera quase uma impossibilidade de se alugar um imóvel no Brasil.

Entretanto, Dariana se hospeda na casa de uma brasileira que conheceu no Equador por intermédio de amigos, e Salvador fica no alojamento da universidade. Nesse caso, eles/as não se assujeitam ao discurso tradicional da burocracia, evitando negociar com o poder constituído nas instituições, buscando outras possibilidades de moradia.

As dificuldades em relação à língua portuguesa estão associadas ao sotaque e às gírias usadas pela comunidade local (Sarriera et al., 2002; Mungoi, 2006). A comunicação em outra língua constitui uma ameaça à identidade, segundo Sebben (1966), pois a pessoa passa a pensar, a sentir e a raciocinar em um idioma com hábitos culturais diferentes, passando não só a aprender novos conceitos, mas a ressignificá-los. Embora todos/as entrevistados/as tenham estudado português anteriormente, Silvina, peruana, ainda assim sentiu dificuldades, nos colocando como alerta a importância do conhecimento prévio do idioma local, antes de mudar de país. É o que aparece em (5):

(5) O início, bah, era fatal, porque antes eu falava com um portunhol forte, né, eu não conseguia falar como agora estou falando, falar mais fluido assim, antes eu parava muito, começava a falar português e terminava em espanhol e isso me atrapalhava muito(...)Então, eu preferia não falar(...) Agora, me sinto mais segura, né. Eu sei que se eu falo, o pessoal vai me entender, mesmo que eu fale com umas palavrinhas em espanhol que sempre sai, né, eu sei que eles vão entender (...) Agora, estou numa fase que eu me acostumei mais em Porto Alegre, que já consegui me encaixar e, aos poucos, estou construindo coisas próprias (Silvina, peruana).

A formulação dessa participante traduz como a linguagem é um elemento constitutivo da identidade, pois a sua inscrição em outras formações discursivas da língua portuguesa coloca em suspeito os sentidos pretéritos do idioma espanhol, abrindo margem para a instauração de novos sentidos. Nesse novo lugar de enunciação, ela pode se tornar um outro, deixando de ser um *Yo* e passando a ser um *Eu* (Sebben, 1996). Isto é, as formações discursivas fundadoras do sujeito são modificadas após a inserção numa segunda língua (Nardi, 2005). O contato-confronto com a língua estrangeira desestabiliza a identidade, principal característica do sujeito do discurso, sujeito dividido, não-uno (Bertoldo, 2003).

As pessoas precisam se inserir em processos identificatórios em uma outra língua e, portanto, acabam por realizar movimentos que colocam em jogo um outro imaginário, já que a produção de sentidos não ocorre no vazio. Ghiraldelo (2003) expõe que o desejo de ter outra língua, nesse caso, o português, revela ainda o desejo do reconhecimento pelo outro, o desejo de ocupar o lugar do outro, que é vislumbrado quando a participante verbaliza que, “agora”, está conseguindo se encaixar. Bertoldo (2003) considera que a aprendizagem de uma língua estrangeira requer uma demanda psíquica considerável, pois o/a aprendiz sofre deslocamentos identitários, ao se inscrever em discursividades diferentes daquelas da sua língua materna. Nesta perspectiva, Silvina não só sabe se comunicar bem em português, como também já conhece a exterioridade (cultura) da língua portuguesa falada no Brasil.

Na abordagem discursiva, importa não só a posição-sujeito que ele/a ocupa, mas também a imagem que ele/a faz daquilo que ele/a enuncia. Nesse caso, os saberes prévios sobre o Brasil fazem parte da memória discursiva construída socialmente através da mídia, da Internet. A rede de sentidos interdiscursivos desses/as participantes refletia os sentidos de domínio público que circulam sobre o povo brasileiro, isto é, pessoas hospitaleiras, receptivas. Assim, antes de virem ao Brasil, eles/as tomavam essa imagem vendida do/a

brasileiro/a como natural, porém a possibilidade de inserção na cultura brasileira os/as leva a estranhar esses sentidos pré-construídos, como podemos observar:

(6) Eu cheguei, tinha uma menina que veio fazer Ciências Humanas que era de Minas Gerais, daí meio que a gente se achou, porque estamos nas mesmas condições, longe de casa, achando um lugar para morar em Porto Alegre (...) outra coisa que eu achei bem interessante assim foi que os brasileiros sempre te acolhem muito bem, tu chega e é aquela curiosidade, ah, tu é de fora, te perguntam, sei lá, só que daí meio que ficam numa superficialidade assim, que ao mesmo tempo que são um povo que gosta de receber outras pessoas, ao mesmo tempo fica por ali. Tu não consegue ter relações mais profundas, mas sei lá, é muito superficial, foi assim, que eu achei que são (Dariana, equatoriana).

(7) Uma coisa que eu percebi foi que eu me dou muito melhor com o pessoal de fora de Porto Alegre, tipo, o pessoal aqui do interior, é outro, é muito diferente. Quem é de Porto Alegre é, não sei se é meio fechado ou como é que é, mas o pessoal de fora, assim do interior que faz Engenharia também, sei lá, eu tenho essa, como com quem eu mais me identifiquei. De certa forma, também, foi porque eles vieram, tipo eles saíram de casa, vieram de fora para estudar aqui, então é o mesmo sentimento mais ou menos, porque eles não é sempre que vão para casa, daí tem toda aquela história (Hernan, paraguaio).

Esses pronunciamentos evidenciam como o suposto saber acerca dos/as brasileiros/as balança, quando esses sujeitos se inserem na cultura brasileira. Os sentidos manifestados nas formulações (6) e (7) parecem sugerir que, na verdade, os/as participantes não se sentem bem acolhidos e recebidos pelos colegas que são de Porto Alegre, pois percebem um movimento de aproximação de colegas que são do interior do Rio Grande do Sul e de outros estados. Esse discurso também atravessa as vozes dos/as africanos/as pesquisados por Mungoi (2006, p.111), quando afirma que “muitos estudantes comentaram que têm sido mais fácil fazer amizades com estudantes de outros estados brasileiros, do interior do Rio Grande do Sul ou

com pessoas mais velhas, do que com os colegas da sua própria faculdade”. O efeito de sentido produzido pelo contato estabelecido com brasileiros/as leva Dariana a avaliar os relacionamentos no Brasil como superficiais, o que é confirmado pelos/as entrevistados/as de Sarriera et al., ao perceberem as amizades frias.

Esses sujeitos, como usuários/as da língua, retomam a rede de sentidos pré-construídos e através do dinamismo de suas enunciações, o que implica estrutura e acontecimento, (re)formulam esses sentidos (Mutti, 2004). Gaston, peruano, ao enunciar que “*estava lendo nas páginas da Internet que eles falam que gaúcho é muito receptivo e são um pouco fechadinhos, né*”, foi capaz não só de assimilar o discurso produzido pelos meios de comunicação acerca da receptividade do/a gaúcho/a, como também, após vir ao Brasil, recusar esse sentido prévio.

Silvina, peruana, também concorda com Gaston, pois percebe que “*os gaúchos da aula (...) como eles já tinham a vida feita aqui (...) eles como que não se importavam, de como a gente estava*”, o que aponta para um outro discurso que reclama sentido. Trata-se do discurso do/a gaúcho/a pouco hospitaleiro/a que se instaura como novo sentido produzido pelo deslocamento de posição-sujeito. Do mesmo modo que Silvina e Gaston, Salvador, nicaragüense, acha as pessoas gaúchas distantes, uma vez que que na sua experiência no Rio de Janeiro sempre teve convite para ir na casa dos amigos, o que não acontece aqui no Rio Grande do Sul.

Pêcheux (1995) considera que as posições-sujeito estão representadas no discurso em forma de dispersão, apesar do enunciador tentar dar unidade e coerência ao discurso que profere, defendendo uma posição. Esse trânsito entre posições se verifica quando Silvina, peruana, demonstra-se inicialmente desapontada com a falta de receptividade dos/as gaúchos/as e movimenta-se para outra posição, em que reconhece a aproximação dos/as mesmos/as que inicialmente ela percebeu distantes.

Embora os/as participantes estejam filiados/as a redes de sentidos socialmente construídos, eles/as deslocam sentidos, conforme a sua historicidade, o que permite que façam a sua própria interpretação dos fatos (Pêcheux, 1990a). Nesse intuito, Dariana, ao considerar os/as brasileiros/as abertos/as e receptivos/as, assume essa posição-sujeito. Entretanto não se assujeita mecanicamente a esse sentido pronto, uma vez que depois imprime sua própria interpretação a respeito da superficialidade dos relacionamentos com brasileiros/as.

Deve-se ressaltar que essas respostas referentes à percepção acerca dos/as brasileiros/as sofreram influência da situação em que foram produzidas, pois a primeira autora, como interlocutora brasileira, pode ter dificultado a emergência mais espontânea de outros discursos que forjem outras possibilidades de significação. Se, como diz Mutti (2002), as palavras não valem para rotular os objetos do mundo, mas para constituí-los, assim, esses/as participantes puderam significar suas experiências, (re)formulando e provocando rupturas em discursos pré-concebidos que etiquetam pessoas, culturas.

Como podemos observar, essa experiência migratória é perpassada por alguns desafios, pois esses/as participantes precisam se adaptar aos hábitos alimentares locais, ao clima, ao idioma e, ao mesmo tempo, não se sentem aceitos e acolhidos pelos/as colegas. Esse processo de aprendizagem de novas habilidades associado ao sentimento de não ser aceito é comumente chamado de *choque cultural* (Mota, Franco & Motta, 1999).

Nesse processo de contato com novo ambiente cultural, valores e discursos identitários são reformulados no decorrer das experiências vividas no seu cotidiano, podendo ser vivenciados como uma dificuldade do processo migratório. Nesse sentido, alguns/mas estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as passam a ser tratados de forma reducionista, homogênea e preconceituosa, pois suas identidades deixam de ser construídas em função das peculiaridades nacionais, lingüísticas, culturais, de seu país de origem, passando a ser

constituída também pelas classificações que a população local lhes atribui (Mungoi, 2006). Isto é, são posicionados em um outro lugar, onde novas identidades podem emergir (Woodward, 2001). Vejamos a formulação a seguir:

(8) Outro dia saindo dum bar, eu, oi tudo bem, eu te conheço, falei para ela e ela assim, tu é o uruguaio, né? Não, eu sou o peruano. Assim com essa cor de pele, direto ela me falou isso, entendeu. É uma coisa meio frustrante sabe, eu vejo (...) essa coisa de sempre ter que ir além do simples fato de eu falar que eu sou peruano, tenho que explicar né que cinqüenta por cento da população do peru é indígena, mas tem de tudo entendeu e não essa visão mais fechada (Gaston, peruano).

Nessa nova realidade, eles/as são classificados/as, por exemplo, como chilena, peruano, paraguaio, o que revela que a identidade étnica se constrói a partir de categorias que esses sujeitos se auto-atribuem e também pela atribuição de características feitas pela população local com a qual interagem (Barth, 1998; Poutignat & Streiff-Fenart, 1998). Esses autores redimensionaram a perspectiva de pensar a identidade étnica, refutando conceituações rígidas e fixas atreladas à raça e à gênese e propondo que se pense como um processo, no qual esses/as participantes se auto-atribuem características e também sofrem atribuição dos/as outros/as. Desse modo, as identidades passam a ser negociadas, a partir das posições que o sujeito é obrigado a assumir no contato com outros grupos culturais (Hall, 2001; Santos, 1997; Woodward, 2001).

Nessa interação social, as identidades desses/as participantes são construídas ao longo dos discursos que os/as classificam e lhes atribuem diferentes valores (Hall, 2001; Silva, 2001). Nesse sentido, a aparência física foi central para a identificação e classificação de Gaston, peruano. Essa experiência é denominada por Subuhana (2005, p.98) como preconceito de marca, porque, “no Brasil, os critérios de discriminação são baseados na aparência (fenótipo)”. Esse pesquisador investigou como os/as moçambicanos/as que

estudam e moram no Rio de Janeiro interpretam as relações raciais brasileiras, mostrando que o preconceito racial foi a sua principal causa de mal-estar. Entretanto, essa vivência negativa de desvantagem social, devido à pigmentação de pele, é amenizada pelo fato de serem universitários/as. Isso reflete o que Maurício, citado por Subuhana (2005, p.110), já afirmava: que “o brasileiro tem fascínio em classificar as pessoas pela raça ou pela cor. Seria tão hábil em distinguir diferenças na tonalidade de pele, traços fisionômicos e em classificar as pessoas pelo fenótipo”.

Abraçando esse ponto de vista de que as identidades não são unificadas, nem fixas, mas fluidas e fragmentadas (Hall, 2001; Santos, 1997; Silva, 2001; Woodward, 2001), essas considerações contribuem para o debate do conceito de identidade étnica que também repudia a existência de uma unidade cultural, a partir de um denominador comum como a língua, o território comum e feições culturais (Barth, 1998; Poutignat & Streiff-Fenart, 1998). A identidade étnica, além de ser um processo construtivo de identificação e de marcação das diferenças, também significa demarcar fronteiras (Silva, 2001). Essa definição, ao insistir na identidade e na diferença, reafirma relações de poder. Nesse intuito, as relações de poder se inscrevem, quando indicamos as posições-sujeito “nós brasileiros/as” e “eles/as peruanos/as, paraguaios/as, chilenos/as, entre outros/as”.

Isto posto, classificamos o mundo quando o dividimos entre nós e eles e, ao fazer isso, estamos atribuindo diferentes valores aos grupos classificados. Podemos constatar essa tônica nos seguintes enunciados:

(9) O fato de eu ser chilena, acho que ajudou, porque brasileiros e chilenos se dão bem, não sei, é porque existe o preconceito de que argentino é chato, não sei, é xarope, isso, eu acho, porque, muitas vezes, quando escutavam o meu sotaque, tu é argentina?, não, sou chilena, ah, menos mal (Mercedes, chilena).

(10) Só pelo fato de ser paraguaio, todo mundo fica espiado. Hoje em dia, eu já consigo levar tipo na boa, mas é complicado (...) acho que a gente tava fazendo relógio digital ou alguma coisa assim, daí ele falou, assim, esse relógio não é do Paraguai, isso daqui vai funcionar, daí eu, ah, daí eu ô professor, te lembra, sou paraguaio, mais respeito (Hernan, paraguaio).

Os efeitos de sentido produzidos nos pronunciamentos de Mercedes e Hernan decorrem das interpretações que esses sujeitos fizeram acerca de como os/as brasileiros/as os/as classificam. Principalmente o recorte (9) denuncia que “a discriminação estigmatizante tende a ser maior o quanto o Estado-Nação de origem ocupa uma posição hierarquicamente inferior (econômica, política, simbólica)” (Vainer, 1995, p.49). Diante desses depoimentos, podemos nos colocar numa posição de dúvida frente ao discurso de que o nosso povo é acolhedor, pois estamos longe de vir a ser um país globalizado, onde ainda se faz presente relações assimétricas entre Estados Nacionais. Apesar de sermos constituídos pela mistura de três raças (branca, indígena e negra), esses discursos, em particular, nos mostram que, na verdade, estamos próximos da ideologia do branqueamento que direcionou a política de imigração na história da colonização, a qual preconizou, no Conselho de Imigração e Colonização em 1940, que se devia evitar elementos indesejáveis (Vainer, 1995).

Esses pronunciamentos nos advertem que é indispensável problematizar não apenas o que o professor de Hernan, paraguaio, ensinou, mas o modo que ele lecionou e que sentidos Hernan atribuiu ao que aprendeu. Isso denuncia o quanto a linguagem pode vir carregada de racismo e etnocentrismo, o que, além de expressar relações de poder, institui e fixa diferenças (Louro, 1997). Bauman (2005), ao tratar sobre a questão dos imigrantes, expõe que as fronteiras transformaram-se em membranas que filtram a entrada de elementos indesejáveis do outro lado, e, com isso, entendemos, no caso de Hernan, que foram as representações que seu professor fez do Paraguai que atuaram como uma fronteira que discrimina estrangeiros/as

provenientes desse país. Nesse sentido, não sabemos se a atitude desse professor seria a mesma, caso o estudante estrangeiro fosse um norte-americano ou um europeu.

Fizemos até agora uma incursão nas dificuldades vividas pelos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as na sua experiência no Brasil. Agora, passamos a nos debruçar sobre as facilidades identificadas por eles/as, buscando uma análise que privilegie o processo de produção de efeitos de sentidos manifestados pelos/as participantes, considerando a singularidade da posição que ocupam. Para tanto, selecionamos alguns recortes que enfatizam a tematização dos fatores que não deixam os/as participantes desta pesquisa desistir da experiência migratória:

(11) Quando eu disse, bah, vou embora, é uma coisa que nem eu mesma acreditava, porque eu não gosto de deixar as coisas sem terminar, isso é uma característica minha. Teve um momento que eu queria ir embora, porque não aguentava mais (Silvina, peruana).

(12) Sempre fui independente, sabe, viajava sozinho, tudo isso, sabe, desde criança, sabe. Eu vim para cá, sempre gostei, sempre gostei de me aventurar, sempre adorei viajar sabe, então me vim (...) Eu acho que ir para outro país, você tem que ser muito objetiva, (...) porque vir do teu país e começar a ter uma vida de festa, uma vida que você foge do teu objetivo principal, do que você veio fazer aqui, eu acho que é difícil (Salvador, nicaragüense).

Ter objetivos claros quanto ao que se pretende obter com a experiência migratória parece que foi um fator que contribuiu para a permanência desses participantes. No caso, Silvina, peruana, comentou que a sua persistência em concluir seus projetos de vida foi uma característica que lhe ajudou a não retornar ao Peru. Assim, podemos considerar que essas características de persistência e de assertividade podem ser consideradas fatores que facilitam o processo migratório. Ao nos depararmos com afirmações como “*eu não gosto de deixar as coisas sem terminar*” e “*sempre fui independente*”, passamos a nos indagar se essas

características fazem parte da formação discursiva desses sujeitos, como uma posição individual ou se são predicados que qualificam a cultura latina.

Dariana, Gaston, Hernan e Mercedes elegem sua sociabilidade e o conhecimento prévio do idioma como fatores facilitadores para estabelecer contato com membros da cultura brasileira. Tais revelações indicam que tanto homens quanto mulheres apresentam condições para migrar, não havendo um sexo frágil que esteja em desvantagem para cruzar fronteiras. Diante disso, devemos refutar conceituações que associam o sexo frágil à condição feminina em geral, confrontando a realidade e a imagem para desconstruir o discurso da fragilidade feminina. Moura (1999) mostra como esse discurso da imagem feminina frágil pode ser inconsistente, se observarmos, por exemplo, que o trabalho das mulheres imigrantes nas lavouras de café no Estado de São Paulo não sinaliza nenhum traço que remeta à fragilidade feminina.

Assim, buscamos revisitar o que os/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as entrevistados/as percebem como facilidades da sua experiência migratória, com seus efeitos de sentido. Entretanto, Mutti (2004) nos alerta de que há sentidos que nos escapam, enquanto se tenta resgatá-los, o que nos mostra que os sentidos que aqui apresentamos são provisórios e incompletos.

As análises empreendidas até o momento destacaram formulações que se referem às dificuldades e às facilidades encontradas no processo migratório dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as no Rio Grande do Sul. Permitindo que cada participante dessa pesquisa falasse, abrimos os sentidos à diversidade, sem privilegiar um só lugar onde chegar (Mutti, 2004). Mesmo que as mulheres entrevistadas tenham assumido posições diferentes no decorrer da sua experiência de inserção em uma outra cultura, percebemos que suas vozes se afinam no que diz respeito à transposição de obstáculos. Em outras palavras, todas atualmente encontram-se muito bem no seu momento de vida e nenhuma dificuldade as

impediu de persistir, o que condiz com alguns estudos (Barajas & Pierce, 2001; Cabrera & Padilla, 2004).

Barajas e Pierce (2001) também pesquisaram estudantes latinos/as numa universidade americana, mostrando que a maneira como as alunas e os alunos conquistaram desempenho acadêmico foi diferente, apesar de ambos/as terem sido bem-sucedidos/as. Neste estudo, Barajas e Pierce (2001) elucidaram que as latinas usaram estratégias de enfrentamento do preconceito no meio universitário através de redes de apoio com outras latinas, enquanto os latinos transpuseram os obstáculos a partir da assimilação da cultura dominante e da competição em esportes.

Cabrera e Padilla (2004) analisaram a trajetória acadêmica de uma estudante e um estudante mexicano/a na universidade de Stanford nos Estados Unidos. Através de um estudo retrospectivo e qualitativo, esses pesquisadores buscaram compreender como esses/as estudantes com bagagem cultural empobrecida e condições de vida adversa alcançaram um ótimo desempenho acadêmico. Os dois casos examinados pelos autores/as revelam que a adversidade não foi razão para falhar, pois, mesmo sendo originários de circunstâncias adversas, como a pobreza, pouco apoio dos colegas, racismo, sentimento de alienação, eles/as superaram esses múltiplos desafios para ser bem-sucedidos. Como estratégia de enfrentamento, os pesquisadores evidenciam que ambos os indivíduos buscaram apoio emocional na família e mostraram-se altamente motivados para persistir diante das adversidades. Além disso, a estudante mexicana buscou apoio no Centro de Serviço para estudantes latinos e também manteve contato constante com colegas do seu colégio. Ao contrário dela, o estudante mexicano tentou fazer amizades em Stanford.

As participantes da nossa pesquisa vieram ao Brasil sozinhas por motivos de estudo tanto quanto as estudantes investigadas por Barajas e Pierce (2001). Isso nos leva a rejeitar visões simplórias do paradigma neoclássico dos estudos migratórios, que consideram que o

deslocamento de mulheres está associado a fatores como casamento e família, negligenciando que diferentes tipos de mulheres migram em diferentes fluxos (Chant & Radcliffe, 1992). Nesse sentido, os estudos de migração, seguindo o legado da história de retratar a vida dos homens como a norma, mostraram a trajetória de mulheres imigrantes ocultando-as como sujeitos, pois prescreveram valores diferentes ao feminino e ao masculino (Colling, 2004).

Com esse referencial, não pretendemos dizer que “antigamente” as mulheres não viajavam sozinhas, mas, sim, que suas vozes eram silenciadas, na medida em que a percepção delas em relação à experiência migratória não se tornava visível. Leite (1997) desvela que as mulheres não limitavam os seus vãos, ao mostrar a trajetória de oito mulheres viajantes do século XIX, sublinhando a experiência da francesa Rose Marie de Saulces de Freycinet, que foi a primeira mulher em seu país a dar a volta ao mundo, enfrentando, aos 23 anos, a desaprovação geral da família e das autoridades francesas. Atualmente, isso se reflete nos dados fornecidos por duas universidades gaúchas que confirmam a presença feminina no processo migratório, pois são 11 latinas para 6 latinos do PEC-G e 14 latinas e 12 latinos do PEC-PG na UFRGS. Apesar de na PUCRS, elas serem em menor número, uma vez que são 4 latinas do PEC-G para 8 latinos do PEC-G, isso não diminui sua expressividade, pois somando as duas universidades, são 29 latinas para 26 latinos.

As narrativas aqui descritas mostraram que as estudantes estrangeiras latino-americanas investigadas são mulher no singular em relação ao motivo da migração, porém suas trajetórias e histórias de vida lhes conferem o sentido plural. A partir desse ponto de vista, pretendemos contribuir ao debate revelando que “não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si” (Louro, 1997, p.32), pois se inserem na cultura brasileira de múltiplas formas. Ao rejeitarmos uma idéia singular de feminilidade que pressupõe a negação de sujeitos que não se enquadrem nessa forma, possibilitamos que uma gama de mulheres, através de suas mais variadas estratégias, venham ao Brasil e transponham

as dificuldades advindas do processo migratório. Nesse intuito, pleiteamos a inclusão de diferentes formas de feminilidade e masculinidade, pois concordamos com Connel (1995), que há múltiplas formas de masculinidade, e com Louro (1995), que reitera que não podemos ignorar as profundas distinções que existem entre os homens ou entre as mulheres marcadas pelas diferenças de raças, etnias e religiões, uma vez que inexistem um modo idêntico de ser homem e ser mulher.

Trazemos à baila a experiência migratória das estudantes estrangeiras latino-americanas, insistindo na pluralidade dessas mulheres, sem nos esquecer que Butler (2003, p.20) nos recomenda que o termo plural é problemático, pois não é tudo que alguém é, porque “o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente e consistente nos diferentes contextos históricos (...), e porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”. Essa autora prossegue obstruindo a existência de uma categoria de mulheres que apenas necessitasse de componentes de raça, classe, etnia para ser preenchida e tornar-se completa e nos lembra que o ideal normativo da categoria “mulheres” é a sua incompletude. Logo, se a unidade da categoria mulheres não é algo desejado, está longe de ser nossa intenção definir a identidade das estudantes estrangeiras latino-americanas que aqui retratamos, pois, além dos sentidos nos escaparem enquanto tentamos capturá-los nas formulações das entrevistadas (Mutti, 2004), sabemos da provisoriedade da conceituação do termo mulheres.

Agora, passamos a discutir as estratégias de adaptação utilizadas pelos/as participantes no processo de aculturação. Entendemos que a aculturação é um processo contínuo, que depende do poder de relação entre as culturas, podendo ser avaliada em diferentes momentos e através de diferentes dimensões ao interagir com variáveis situacionais (Félix-Ortiz, Newcomb & Myers, 1994). Em função desse dinamismo, um indivíduo pode em um certo estágio da vida usar a estratégia de assimilação, negando sua

origem, em em um outro momento, enaltecer sua herança cultural. Para a análise do processo de aculturação dos/as participantes dessa pesquisa, partimos do modelo multidimensional de Berry, exposto anteriormente, que oferece quatro variedades de aculturação.

De um modo geral, os/as participantes desta pesquisa enfrentaram uma série de problemas após a chegada no Brasil: dificuldades com idioma, diferenças culturais, discriminação, perda das relações sociais. Assim, eles/as confrontam crenças e valores da sua cultura de origem com a cultura brasileira, até que sofrem transformações pelas quais eles/as conseguem se adaptar a este novo lugar. Isto é, eles/as sofrem mudanças em seus hábitos e crenças, embora possam continuar vinculado à cultura de origem (DeBiaggi, 2003). Segundo Berry (2004), a estratégia de integração é alcançada quando a pessoa demonstra envolvimento cultural com a nova cultura, ao mesmo tempo que mantém sua identidade cultural do grupo de origem. Na análise que se procede, buscamos privilegiar o processo de produção de sentidos pelos/as participantes da pesquisa, concebido em suas formulações e (re)formulações discursivas que apontam para efeitos de sentido relacionados a posições que assumem no processo de aculturação, como apresentamos a seguir:

(13) *Eu estou a grande maioria do tempo com brasileiros. Eu tenho amigos chilenos, meu namorado é chileno, eu conheci ele aqui (...)E tenho amigos chilenos, mas nós nos vemos muito pouco, porque ando sempre correndo. E estou quase todo tempo com brasileiros (Mercedes, chilena).*

(14) *Eu acho que o convívio com o meu namorado foi legal, porque, assim, aos poucos, eu consegui me inserir na família dele e no grupo dele de amigos (...) Eu tento preparar as minhas comidas da minha cultura, né. Dançar é uma coisa que eu gostaria de manter (...), a minha mãe, quando eu voltei para o Peru, minha mãe disse, bah, você tá rindo, tá brincando, você não era assim, era bem mais séria. Isso eu aprendi um pouco aqui, né,*

levar um pouco as coisas na brincadeira, porque eu levava as coisas muito a sério (Silvina, peruana).

Essas enunciações manifestam a estratégia de integração adotada por Mercedes e Silvina no processo de aculturação, no qual elas interagem com membros da cultura brasileira e, do mesmo modo, preservam vínculos com a cultura de origem, assumindo diferentes posições-sujeito, dependendo do contexto em que se inserem. Por sua vez, Dariana, equatoriana diz que só tem amigos brasileiros e só fala em português, o que sugere, num primeiro momento, que assimilou a cultura majoritária. Entretanto, ao longo de seu discurso, ela critica o modo dos/as brasileiros/as se vestirem, questiona o comportamento sexualizado dos/as brasileiros/as, e não indica sinais de ter incorporado esses aspectos no seu comportamento, o que nos leva a refutar a assimilação como estratégia aculturativa empregada por Dariana.

Podemos observar que as posições assumidas pelos/as participantes fazem parte da constituição da identidade, porém as suas identidade são cambiantes e complexas quanto à variedade de sentidos que nela habitam. Sendo assim, os/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as se constituem como sujeitos no processo de aculturação através de várias dimensões como o idioma, atitudes, como podemos observar:

(15) Eu conheço todo mundo, os paraguaios que estão em Porto Alegre, eu conheço todos eles. A gente tem uma comunidade (...) então a gente sempre tenta fazer alguma coisa (...) E até no espanhol, eu falo, eu misturo um monte, é, tu acaba incorporando o idioma assim daqui. E tipo o guarani é uma coisa que eu perdi o contato com isso (...) espalhar a cultura do tererê é importantíssimo (...) Foi incorporado assim o negócio de ficar, lá não tem o negócio de ficar, não tem, tipo, tu sai numa noite e fica com duas ou três pessoas, o que é isso? Eu cheguei aqui, bah, tu fica apavorado, mas, bom, tudo bem, vamos lá, né (Hernan, paraguaio).

(16) Meu relacionamento é mais com brasileiro, não porque eu queira, não é por escolha, é porque se deu assim (...) na faculdade só falo português, saio à noite só português (...) Mas a nível de relacionamento com hispano-americano não. Até porque não sou um cara que gosta da música salsa e tal que eles adoram (...) De tarde, depois do almoço eu preciso fazer uma sesta e comer pimenta, muita pimenta (Gaston, peruano).

As formulações (15) e (16) nos mostram as diferentes posições-sujeito representadas no discurso como vozes que coexistem contraditoriamente, uma vez que, por um lado, Hernan mantém a cultura paraguaia, tomando tererê, reunindo-se com outros paraguaios, mas por outro lado, incorporou o português e a questão do “ficar”. Já Gaston, peruano, não tem amigos do seu grupo étnico, porém mantém contato com a cultura de origem, preservando seus hábitos de dormir depois do almoço e comer muita pimenta, enquanto Salvador, nicaragüense, está casado com uma brasileira e se relaciona somente com brasileiros, mas tenta manter a religiosidade característica da cultura do seu país. Nessa direção, esses participantes parecem integrar a cultura de origem com a cultura local, constituindo suas identidades ao longo do processo de aculturação de forma hibridizada.

Phinney (2004) nos diz que o contexto influencia a formação da identidade, pois a oportunidade de participar de festivais étnicos, de desfrutar de grupos de danças étnicos, de obter comida típica nos mercados são fatores que intensificam os sentimentos de pertencimento a uma etnia. Nesse sentido, vimos que Hernan se reúne com a comunidade paraguaia, Silvina tenta preparar comidas peruanas e Gaston faz a típica sesta, o que constituem hábitos que ajudam a preservar a identificação com a cultura de origem. Dariana, Silvina, Mercedes, Hernan, Salvador e Gaston se envolvem com a cultura brasileira, ao se relacionar com brasileiros e falar português. Isso resulta em uma identidade bicultural, na qual ambas as identidades são afirmadas.

Felix-Ortiz, Newcomb e Myers (1994) avaliaram a identidade étnica de adolescentes latinos/as nos Estados Unidos como um valor de aculturação. Como resultados, encontraram que indivíduos altamente biculturais mostraram maior flexibilidade com o uso do idioma inglês e espanhol, enquanto aqueles/as com forte identidade latina estavam mais confortáveis com o uso do espanhol e preferiam a companhia de latinos/as. Entretanto, esses autores chamam atenção ao fato de que há latinos/as que não conseguem falar espanhol fluentemente, mas retêm identidade latina forte, e podem, através de instrumentos que medem aculturação, ser mal significados como altamente aculturados.

Considerações Finais

Ao encerrarmos esse artigo, temos algumas questões que necessitam de maior aprofundamento, como a relação das instituições e da comunidade com os/as participantes da nossa pesquisa, uma vez que sabemos que a aculturação é um processo mútuo em que ambos grupos dominante e não-dominante estão envolvidos (Padilla & Perez, 2003). Nessa perspectiva, futuras pesquisas podem examinar as atitudes do grupo dominante em direção aos/às recém-chegados/as, uma vez que a expectativa que os membros da cultura hospedeira têm do/a estudante estrangeiro/a latino-americano/a afeta a aculturação e adaptação dos/as participantes da nossa pesquisa.

Como podemos observar, o processo de aculturação depende de diversas variáveis do contexto, não sendo uma questão exclusiva de características individuais. Deslocando a questão do individual para o social, devemos direcionar o olhar para as instituições da sociedade brasileira que dificultam a inserção dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, através da burocracia em alugar moradia, em fazer a carteira de identidade, dentre outras. Diante de um cenário de globalização, em que o cruzar fronteiras se tornou cotidiano, seria pertinente que as universidades brasileiras pudessem facilitar a adaptação

dos/as estudantes estrangeiros/as mediante alianças com imobiliárias e polícia federal. Também seria oportuno que essas instituições oferecessem encontros de convivência aos/às estudantes, para conhecer mais da cultura brasileira e poder ensinar sobre sua cultura.

Iniciativas dessa ordem estão sendo feitas pela Universidade de São Paulo (USP) através do grupo de pesquisa Psicologia E/Imigração (DeBiaggi, 2004), o qual presta atendimento à comunidade imigrante residente em São Paulo. Trata-se de um trabalho importante intervir na população imigrante, promovendo a saúde e o bem-estar e deve servir de exemplo para outras instituições.

A vivência do preconceito também pode prejudicar a adaptação. Nesse caso, consideramos necessário que futuras pesquisas interculturais investiguem como as universidades, através do seu currículo, poderiam promover a educação para paz entre culturas diferentes.

Esse preconceito se expressa de diferentes formas como, por exemplo, pela discriminação da cor de pele e pelo país de origem. Nós, autoras, também já fomos alvos de discriminação em nossas experiências no exterior, onde a primeira autora era identificada como a “latina” em terras canadenses, e a segunda autora como a “sudaca” em território espanhol. Os/as canadenses atribuíam características à primeira autora, marcando sua origem latina pela cor de sua pele e pelo modo como caminhava e se expressava.

Como vimos, o fato de ser mulher não impediu as participantes de virem ao Brasil estudar, estabelecer novas amizades e obter sucesso acadêmico. As estudantes estrangeiras latino-americanas diferiram entre si na forma como se adaptam, bem como se distinguiram dos estudantes latino-americanos.

Referências

Barajas, H., & Pierce, J. (2001). The significance of race and gender in school success among latinas and latin@s in college. *Gender & Society, 15*(6), 859-878.

Barth, F. (1998). Grupos étnicos e suas fronteiras. In P. Poutignat & J. Streiff-Fenart (Orgs.), *Teorias da Etnicidade* (pp. 187-227). São Paulo: Unesp.

Bassanezi, M. (1995). Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In N. Patarra (Org.), *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo* (pp. 5-35). São Paulo: Funap.

Bauman, Z. (2005). *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Berry, J. (2004). Migração, Aculturação e Adaptação. In S. DeBiaggi & G. Paiva (Org.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp.29-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Berry, J., Poortinga, Y., Segall, M., & Dasen, P. (2003). *Cross-cultural psychology: Research and applications*. New York: Cambridge University Press.

Bertoldo, E. (2003). O contato-confronto com uma língua estrangeira: a subjetividade do sujeito bilíngüe In M. Coracini (Org.), *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora Unicamp.

Burin, M. (2004). Prefácio. In M. Strey, S. Cabeda & D. Prehn (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas* (pp. 9-12). Porto Alegre: Edipucrs.

Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Cabrera, N., & Padilla, A. (2004). Entering and Succeeding in the “ Culture of College”: The Story of Two Mexican Heritage Students. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 26(2), 152-170.

Cappelle, M. C. A., Melo, M. C., & Gonçalves, C. (2003). Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. *Revista Eletrônica de Administração da UFLA*, 5(1), 1-15. Recuperado em 30 de dezembro de 2006, em http://www.dae.ufla.br/revista/revistas/2003/2003_1/revista_v5_n1_%20jan-jun_2003_6.pdf

Chant, S., & Radcliffe, S. (1992). Migrant and development: the importance of gender. In S. Chant (Ed.), *Gender and migration in developing countries (pp. 1-29)*. London and New York: Belhaven Press.

Colling, A. (2004). A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In M. Strey, S. Cabeda & D. Prehn (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas*. Porto Alegre: Edipucrs.

Connel, R. (1995). Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-206.

DeBiaggi, S. (2002). *Changing gender roles: Brazilian immigrant families in the U.S.* N.Y (pp. 39-60), LFB Scholarly Publishing.

DeBiaggi, S. (2003, junho). As implicações psicológicas da imigração e o processo de aculturação: a imigração coreana para o Brasil. Trabalho apresentado na mesa redonda: Imigração, psicologia e cultura: A imigração coreana no Brasil, 40 anos da imigração coreana. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DeBiaggi, S. (2004). Introdução. In S. DeBiaggi & G. Paiva (Org.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 11-27). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dovidio, J., & Esses, V. (2001). Immigrants and immigration: advancing the psychological perspective. *Journal of Social Issues*, 57(3), 375-387.

Félix-Ortiz, M., Newcomb, M., & Myers, H. (1994). A Multidimensional Measure of Cultural Identity for Latino and Latina Adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 16(2), 99-115.

Fernandes, C. A. (2005). *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas.

Gowan, M., & Trevi, M. (1998). An Examination of Gender Differences in Mexican-American Attitudes Toward family and Career Roles. *Sex Roles*, 38, (11/12), 1079-1093.

Ghiraldelo, C. M. (2003). As representações de Língua Portuguesa e as formas de subjetivação. In M. Coracini (Org.), *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora Unicamp.

Hall, S. (2001). Quem precisa de identidade? In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

Huayhua, G. (2004) Adolescentes peruanos em São Paulo: a construção da identidade e as estratégias de adaptação no processo de aculturação. In S. DeBiaggi & G. Paiva (Org.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 249-273). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Leite, M. L. M. (1997) Mulheres viajantes do século XIX. In M. Schpun (Org.), *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero* (pp. 25-42). Florianópolis: Editora Mulheres.

Lima, M. E. A. T. (2003). Análise do discurso e/ou análise de conteúdo. *Psicologia em Revista*, 9(13), 76-88.

Louro, G. (1995). Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, 20(2), 101-132.

Louro, G. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (2ºed.). Petrópolis: Vozes.

Minayo, M. C. S. (1998). *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde* (5ºed). São Paulo: Hucitec-Abrasco.

Ministério das Relações Exteriores. (2006). Manual do Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação. CAPES, CNPq. Brasília, Divisão de Temas Educacionais,

acessado em 22 de outubro de 2006 em <http://memoria.cnpq.br/servicos/editais/ct/2006/manualpec-pg2006.doc>.

Ministério das Relações Exteriores. (2006). Manual do Programa de Estudantes Convênio de Graduação. PEC-G. Brasília: Secretaria de Educação Superior, acessado em 22 de outubro de 2006 em <http://www.dce.mre.gov.br/PEC-G/ManualPEC-G.doc>.

Ministério das Relações Exteriores. (2006). Selecionados PEC-G 2007. Brasília: Secretaria de Educação Superior, acessado em 22 de outubro de 2006 em http://www.cer.mre.gov.br/PEC-G/1_Selecionados_PECG2007.htm.

Mota, E. L. A., Franco, A. L. S., & Motta, M. C. (1999). Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(1), 119-132.

Moura, E. B. B. (1999). Frente a frente com a América: Mulheres trabalhadoras e o Inconsciente Discurso da Fragilidade Feminina. In H. Holanda & M. Capelato (Org.), *Relações de Gênero e Diversidades Culturais nas Américas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: Edusp.

Mungoi, D. M. (2006). “O MITO ATLÂNTICO”: *Relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Mutti, R. (2002). Efeitos de Sentidos sobre Disciplina, no Discurso dos Estagiários. *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, Florianópolis, 4, 1-14.

Mutti, R. (2004). A (Re)formulação de Sentidos sobre Leitura de textos no Discurso Pedagógico. *Seminário Pesquisa em Educação: Região Sul*, Curitiba, 5, 1-17.

Nardi, F. (2005). Identidade, memória e os modos de subjetivação. In F. Indursky & M. Ferreira (Org.), *Michel Pêcheux e a análise de discurso: uma relação de nunca acabar* (pp. 157-166). São Carlos: Claraluz.

Orlandi, E. (2005). Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. *Estudos da Língua(gem)*, 1, 9-13.

Padilla, A., & Perez, W. (2003). Acculturation, Social Identity, and Social Cognition: A New Perspective. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25(1), 35-55.

Pêcheux, M. (1990a). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 61-105). Campinas: Editora da Unicamp.

Pêcheux, M. (1990b). *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.

Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.

Pereira, V. L. (2004). Gênero: Dilemas de um Conceito. In M. Strey, S. Cabeda & D. Prehn (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas* (pp. 173-198). Porto Alegre: Edipucrs.

Phinney, J. (2004). Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos. In S. DeBiaggi & G. Paiva (Org.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 47-62). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Phinney, J., & Flores, J. (2002). “UNPACKAGING” ACCULTURATION: Aspects os Acculturation as Predictors of Traditional Sex Roles Attitudes. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33(3), 320-331.

Poutignat, P., & Streiff-Fenart, J. (1998). Teorias da Etnicidade. São Paulo: Unesp.

Ramos, S. (2003). *Hospitalidade e Migrações Internacionais: o bem receber e o ser bem recebido*. São Paulo: Aleph.

Sam, D., & Berry, J. (1997). Acculturation and Adaptation. In J. Berry, M. Segall & C. Kagitçibasi (Eds.), *Handbook of Cross-cultural Psychology: Social Behavior and Applications*, v.3. Boston: Allyn & Bacon.

Santos, B. S. (1997). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (4ªed.). São Paulo: Editora Cortez.

Sarriera, J. (2000). Educação para a Integração entre Culturas e Povos: da Aculturação para o Multiculturalismo. In J. Sarriera (Coord.), *Psicologia Comunitária: Estudos Atuais* (pp. 179-202). Porto Alegre: Sulina.

Sarriera, J., Pizzinato, A., & Meneses, M. P. R. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estudos de Psicologia, 10(1)*, 5-13.

Sarriera, J., Wagner, A., Frizzo, K., & Berlim, C. (2002). Experiência: Experiência Multicultural em um grupo de conveniados africanos do Programa PEC-G. *Psico, 33(2)*, 447-460.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade, 15(2)*, 71-99.

Sebben, A. (1996). Tornar-se cidadão do mundo é resultado de uma experiência migratória? *Psico, 27(1)*, 129-141.

Silva, T. T. (2001). A produção social da identidade e da diferença. In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação* (4ªed.). Florianópolis: UFSC.

Strey, M. N. (2001). Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In P. Grossi & G. Werba (Org.), *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: Edipucrs.

Subuhana, C. (2005). *Estudar no Brasil: Imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado não-publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vainer, C. (1995). Estado e Migração no Brasil: da Imigração à Emigração. In N. Patarra (Org.), *Emigração e imigração no Brasil contemporâneo (pp. 39-51)*. São Paulo: Funap.

Zamberlan, J. (2004). *O processo migratório do Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização*. Porto Alegre: Palotti.

Woodward, K. (2001). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

ARTIGO EMPÍRICO 2**ORQUESTRANDO VOZES DE GÊNERO DE ESTUDANTES ESTRANGEIROS/AS
LATINO-AMERICANOS/AS**

Orchestrating Gender Voices of Latin American Foreign Student

Roberta de Alencar Rodrigues

Marlene Neves Strey

Resumo

Esta pesquisa discute efeitos de sentidos produzidos pelos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as acerca das concepções de gênero no país de origem e no Brasil. Fundamenta-se nos estudos de gênero e no conceito de aculturação proposto pela Psicologia Intercultural para abordar as mudanças de valores de gênero resultantes do contato com uma nova cultura. Aponta para as questões da linguagem e do discurso, ancorados na análise de discurso (AD), desenvolvida por Michel Pêcheux, utilizando seqüências discursivas produzidas por estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. As conclusões indicam que o tema da sexualidade marca o discurso dos/as participantes da pesquisa no que concerne às relações de gênero no Brasil.

Palavras-chave: relações de gênero; aculturação; discurso.

Abstract

This research discusses sense effects produced by foreign Latin American students in relation to gender conceptions in their countries of origin and in Brazil. It is based upon gender studies and in the acculturation concept proposed by Cross-cultural Psychology to approach gender values changes resulted from cultural exchange. It addresses to language and discourse questions based on the discourse analysis (DA), developed by Pêcheux, using up discursive sequences produced by foreign Latin American students. The findings show that the theme of sexuality stands out from the participant's discourse related to gender relations in Brazil.

Key words: gender relations; acculturation; discourse.

As migrações humanas sempre estiveram presentes na história da humanidade. Considerando que, por muito tempo, a história privilegiou a experiência dos homens como sendo a norma, isso contribuiu para que a trajetória das mulheres no contexto dos deslocamentos humanos também fosse omitida. Nesse sentido, no presente artigo, pretendemos dar voz às experiências de estudantes estrangeiras latina-americanas no Rio Grande do Sul, Brasil, mostrando como percebem as questões de gênero no seu país de origem e no Brasil. Do mesmo modo, também apresentaremos as percepções dos estudantes estrangeiros latino-americanos no que concerne às concepções de gênero, pois temos como alerta o caráter relacional da categoria gênero, a qual focaliza a experiência das mulheres, tomando como referência sua relação com os homens (Kosminsky, 2004).

Semelhante à nossa proposta, Moreira Leite (1980) pesquisou os registros de mulheres européias deixados em livros de viagens, no século XIX, sobre a sua própria condição e as observações que faziam sobre as mulheres encontradas no Brasil. Ao realizar o seu levantamento dos/as autores/as de livros de viagem ao Rio de Janeiro, no século XIX, Moreira Leite se deteve na obra de cinco autoras, procurando examinar as características atribuídas às mulheres encontradas no Rio de Janeiro. Através da documentação pesquisada, constatou que as mulheres européias, no século XIX, se surpreendiam com a ausência da mulher brasileira branca e rica nas ruas. Além disso, identificou uma prevalência de relatos que se referiam aos traços físicos, à indumentária e a moralidade da mulher brasileira. Nesses registros, a moralidade da brasileira denota interesse pelas aparências, comportamento social inadequado e pouca educação. Apesar dessa pesquisa ter sido realizada apenas com documentações de mulheres, ela mostra que, já em tempos remotos, as estrangeiras que estiveram aqui no Brasil faziam comparações acerca da condição de ser mulher no seu país e no Brasil

Temos em vista que os/as participantes da presente pesquisa, ao entrarem em contato direto com membros da cultura hospedeira, vivenciam um processo de mudança, que Padilla e Perez (2003) denominam de aculturação. Para Valentine e Mosley (2000), aculturação é um processo social composto de mudanças culturais que ocorrem depois de indivíduos de diferentes culturas entrarem em contato contínuo, sendo medida pelo grau em que a pessoa aceita a cultura do país hospedeiro. Como a aculturação é um construto multidimensional, contingente a variáveis do contexto social e diferenças individuais (Félix-Ortiz, Newcomb & Myers, 1994; Valentine & Mosley, 2000), ela deve ser avaliada a partir de múltiplos domínios como linguagem, valores, comportamento, familiaridade com a cultura hospedeira e de origem. Nessa perspectiva, reside o nosso interesse em investigar como os valores de gênero são questionados após inserção na cultura brasileira, uma vez que as expectativas de gênero podem se configurar em arenas conflitantes, dependendo do contexto cultural no qual estão interagindo (Pyke & Johnson, 2003). Com isso, sabemos que estamos abrindo espaço à multiplicidade de vozes, visto que as crenças acerca do comportamento de homens e mulheres variam entre membros de diferentes culturas (Acuña & Bruner, 2001).

Partimos do consenso entre as teóricas em conceber o gênero segundo seu caráter relacional, rejeitando o determinismo biológico (Burin, 2004; Pereira, 2004; Scott, 1995; Strey, 2001). Como perspectiva relacional, concordamos com Lyra e Medrado (2000, p. 147), ao afirmarem que “os gêneros masculino e feminino não podem ser pensados como entidades em si, mas como construções interdependentes”. Esses autores também postulam que admitir a dimensão relacional do gênero permite provocar rupturas em discursos culpabilizantes sobre o masculino e, assim, deixamos de procurar culpados e passamos a dirigir o nosso olhar à construção das relações.

Essa possibilidade de ruptura entre o natural e o cultural foi demarcada a partir do clássico *Segundo Sexo*, escrito por Simone de Beauvoir (1980, p.9), com a sua consagrada

frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A partir disso, os esforços das feministas têm sido em desmistificar a concepção natural da diferença entre os sexos, elucidando a inexistência de uma essência feminina, o que rompe com a crença do determinismo biológico (Pereira, 2004; Scott, 1995; Strey, 2001).

Entretanto, rejeitar o determinismo biológico não implica em negar que o gênero se constitui sobre os corpos sexuados (Louro, 1997). Com esse entendimento, a autora explica que o conceito de gênero incide na construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. A partir desse referencial, entendemos, de acordo com Heilborn (1998, p. 53), que “as concepções sobre a diferença sexual não abolem o fato de que existe uma diferenciação nos corpos”. Sendo assim, não são os atributos sexuais, mas o modo como eles são interpretados, representados e valorizados que vão designar o que é feminino ou masculino num dado momento histórico.

Por sua vez, Lauretis (1994, p. 208) amplia o modo de conceber o conceito de gênero, ao propor “um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe”. Com isso, essa autora introduz a possibilidade de definir o sujeito por via da multiplicidade e não da unicidade.

Temos como alerta as considerações de Louro (1997), ao destacar que a característica relacional do conceito de gênero não deve ser tratada como se referindo à constituição de papéis masculinos e femininos, pois a noção de papéis pode ser simplista e reducionista. Assim, pretendemos abordar o gênero, neste artigo, através da forma que os/as participantes percebem as relações sociais de gênero no Brasil e no país de origem, transcendendo o mero desempenho de papéis.

O objeto dos Estudos de Gênero sofreu transformações, pois, primeiramente, as mulheres consistiam o seu objeto empírico, deslocado, posteriormente, para objeto teórico gênero (Pereira, 2004; Strey, 2004). Essa mudança possibilitou que outros sujeitos, como homens, gays, lésbicas e transexuais fossem incluídos nesse campo de investigação. Como bem dizem Lyra e Medrado (2000, p. 147), “o objeto dos estudos de gênero é mais amplo. Sendo assim, faz-se necessário uma análise em todos os níveis, âmbitos e tempos, das relações mulher-homem, mulher-mulher, homem-homem para se alcançarem melhores e maiores resultados”.

A ampliação do campo dos Estudos de Gênero permite que a experiência de sofrimento de alguns homens seja analisada, uma vez que a masculinidade pode ser fonte de prazer e privilégio para alguns, enquanto para outros pode significar dor e alienação (Lyra & Medrado, 2000). Isto é, devemos levar em conta que muitos homens suprimem suas emoções de cuidar dos outros, de ser receptivos e empáticos. E ainda, Heilborn e Carrara (1998) asseveram que o homem que é tímido na questão da iniciativa em relacionamentos pode ser um tipo de vítima estrutural das relações de gênero.

O denominador comum nas diversas abordagens sobre gênero, além do consenso quanto ao seu caráter relacional e histórico, é o interesse em problematizar como as relações de poder inscritas precocemente na experiência do sujeito se expressam nas relações sociais injustas (Burin, 2004). Essa característica condiz com a segunda proposição de Scott (1995, p. 86) em sua teorização sobre o gênero, ao definí-lo como “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Isto é, a possibilidade de desvendar posições e hierarquias opressivas, na qual o desigual e o diferente têm sido tratados historicamente como inferiores, sem valor (Pereira, 2004). E, desse modo, buscando a

emancipação desses indivíduos que estiveram reprimidos/as por estruturas de poder (Butler, 2003).

Lauretis (1994) enfatiza que o gênero é a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, a um grupo, a uma categoria. Nesse sentido, o gênero está embebido de relações de poder, nas quais os homens e mulheres sofrem os efeitos dessa relação de modo diferente. Isto é, “ser do gênero feminino ou masculino implica estar no mundo de modos diferentes do ponto de vista concreto e simbólico” (Louro, 1995, p.123).

Não temos a pretensão do convencimento, ao trazer aqui algumas leituras do conceito de gênero, pois nos ancoramos em Butler (2003, p.37), ao defender que o “gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada”. Com essa afirmação, a autora reitera que as “identidades são abandonadas, segundo as propostas em curso”, o que nos leva a introduzir o conceito de identidade, que abordaremos, neste trabalho, como algo provisório, fragmentado, fluido, inacabado, contraditório e não fixo (Hall, 2000; Silva, 2001; Woodward, 2001). Nesse intuito, valendo-se do gênero como fator constituinte da identidade do sujeito (Louro, 1997), é oportuno insistir no conceito de identidade, uma vez que os/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, ao virem para o Brasil, experimentam a instabilidade e precariedade da identidade.

Método

A decisão em realizar uma pesquisa qualitativa decorre do fato de esta investigação estar fundamentada em dados sociais, construídos através de um processo de comunicação entre as pesquisadoras e os/as participantes deste estudo. Na definição do método, escolhemos o delimitamento de caráter exploratório, a fim de atender ao objetivo do estudo que é conhecer se existem influências da cultura brasileira nas relações de gênero de estudantes

estrangeiros/as latino-americanos/as. Com essa proposta, consideramos que será possível conhecermos as concepções de gênero dos/as participantes no seu país de origem e no Brasil.

Os/as participantes deste estudo foram seis estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, regularmente matriculados/as em cursos de graduação ou pós-graduação de instituições de ensino superior do Rio Grande do Sul. Optamos pela nomenclatura estrangeiro/a, devido ao fato de possuírem o visto temporário IV fornecido pela Polícia Federal a estudantes de outros países. Contatamos inicialmente esses/as participantes através dos departamentos encarregados pelo registro deles/as nas universidades, porém esses locais não podiam nos disponibilizar informações por medida de sigilo. Diante disso, resolvemos divulgar a pesquisa por meio de cartazes distribuídos nos prédios de uma universidade pública e de uma universidade privada do Estado do Rio Grande do Sul. Com efeito, alguns/mas estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as entraram em contato com a primeira autora através de email ou telefone, e a partir desse contato prévio, agendamos entrevista, caso eles/as consentissem em participar da pesquisa.

Sendo assim, entrevistamos participantes provenientes de países da América Latina (Chile, Equador, Nicarágua, Paraguai, Peru), com idade entre 21 e 36 anos, e o tempo de permanência no Brasil de 1 a 10 ano/s. Antes de nos debruçarmos sobre o material obtido através das entrevistas, é pertinente descrevermos nossos/as participantes⁵ para que, no momento de análise dos dados, tenhamos em mente as condições de produção do discurso. Mercedes, chilena, 30 anos, cursa pós-graduação em Ciências Sociais numa universidade pública. Silvina, peruana, 28 anos, é estudante de pós-graduação em Ciências Econômicas de uma universidade pública. Já Dariana, equatoriana, 21 anos, é aluna da graduação de uma universidade particular. Gaston, peruano, 26 anos, estuda num curso de pós-graduação em Ciências Agrárias e Veterinárias numa universidade pública. Hernan, paraguaio, 24 anos, é

⁵ Os nomes dos/as participantes desta pesquisa foram trocados por questões éticas e confidenciais e, por isso, utilizaremos nomes fictícios.

aluno de Engenharia de uma universidade particular. Por fim, Salvador, nicaragüense, 36 anos, também estuda Engenharia numa universidade particular.

Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas em local combinado com os/as estudantes. O procedimento iniciava com uma pergunta igual para todos/as participantes: “Como você percebe os homens e as mulheres no Brasil e no seu país?”, visando responder nosso objetivo de conhecer se existem influências da cultura brasileira nas relações de gênero de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. As entrevistas foram gravadas e transcritas mediante o consentimento de cada participante, que também assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A análise dos dados baseia-se na abordagem discursiva de Michel Pêcheux. É uma teoria que trabalha com a determinação histórica dos processos de significação, isto é, debruça-se sobre os processos e as condições de produção da linguagem, levando em conta a sua exterioridade e historicidade (Grantham, 2005).

A Análise de Discurso é uma teoria que trabalha com as relações de contradição entre a Psicanálise, Materialismo Histórico e Linguística, buscando repensar alguns conceitos introduzidos por essas disciplinas (Ferreira, 2001). A Psicanálise contribui ao instaurar a noção de sujeito ao invés de indivíduo (Grantham, 2005), o Materialismo Histórico imprime seu legado ao inscrever na língua a história, produzindo discursividades (Pfeiffer, 2005) e, por sua vez, a Linguística “procura mostrar que a relação entre linguagem, pensamento e mundo não é direta, nem se faz termo-a-termo” (Grantham, 2005, p.138). O sujeito da análise de discurso é não-empírico, não universal, não coincidente consigo mesmo, constituído na interação, composto por uma heterogeneidade de discursos (Fernandes, 2005; Grantham, 2005).

Desse modo, percebe-se o caráter interdisciplinar da Análise de Discurso, que, trabalhando no entrecruzamento desses três campos do conhecimento, elege um novo objeto:

o discurso. Orlandi (2005, p. 11) reitera que Pêcheux concebe o discurso como sendo “efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio-histórico em que o lingüístico está pressuposto. Critica a evidência de sentido e o sujeito intencional que estaria na origem do sentido”.

O termo discurso é usado por Pêcheux (1990a) em detrimento da palavra mensagem, pois nunca o discurso é uma transmissão de informação entre A e B, mas sim um efeito de sentido. Logo, A e B são lugares determinados na estrutura de uma formação social, não correspondendo à presença física, individual e humana. No processo discursivo, atuam as formações imaginárias que A e B atribuem como lugar a si e ao outro, a imagem que eles/elas têm de si e do outro (Pêcheux, 1990a, p. 82). Tais proposições são reiteradas por Santos (2005), ao considerar a Análise de Discurso uma disciplina interpretativa que existe produzindo efeitos.

Grantham (2005) chama atenção ao fato de que “a percepção é sempre atravessada pelo “já ouvido” e o “já dito”, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (Pêcheux, 1990b, p.85), o que significa, segundo Orlandi (2005, p. 11), que o “já dito torna possível todo o dizer”. Orlandi explica que o conceito de interdiscurso proposto por Pêcheux refere-se à memória discursiva, na qual há presença de diferentes discursos originários de distintos momentos da história e de distintos lugares sociais inscritos no interior de uma formação discursiva (Fernandes, 2005).

Formação discursiva jamais é homogênea, pura e coesa, sendo edificada por diferentes discursos (Fernandes, 2005; Pfeiffer, 2005) que manifestam uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica (Ferreira, 2001). O sentido do discurso está atrelado às condições de produção e às posições ideológicas no qual foi produzido. E esses sentidos mudam “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”(Pêcheux,1995, p.160).

Os pressupostos da Análise de Discurso propostos por Pêcheux parecem coerentes com as proposições dos Estudos de Gênero, pois ambas as abordagens consideram a historicidade e o contexto como ingredientes constituintes das práticas sociais. Isso equivale a dizer que a concepção do que é ser mulher numa dada sociedade depende das condições de produção em que ela está inserida. Ainda, os Estudos de Gênero são consoantes à proposta da Análise de Discurso, pois ambos os construtos se propõem a questionar proposições ilusórias acerca de um sujeito universal. A forma como o processo de aculturação ocorre depende das condições da sociedade de acolhida, do mesmo modo que o discurso é produzido de acordo com as condições de produção. Isto posto, passamos, a seguir, a discutir as relações de gênero no Brasil e no país de origem segundo a percepção dos/as entrevistados/as.

Resultados e Discussão

Ler as entrevistas na perspectiva das posições de sujeito permite perceber o funcionamento dos discursos, manifestados como saberes materializados lingüisticamente que têm existência na sociedade (Mutti, 1999). Desse modo, é necessário identificar os temas do discurso que os sujeitos-participantes desta pesquisa fazem emergir. A partir dessa identificação, procura-se relacionar os temas detectados como enunciados discursivos com a posição de sujeito na sociedade. Isto posto, o sujeito-participante é capaz de posicionar-se, revelando sua concordância ou discordância frente aos tópicos abordados nas entrevistas.

Temos em vista que a sociedade estabelece normas consideradas senso comum, que ensinam a que gênero cada sujeito pertence (Rodrigues, 2003). Entretanto, Strey (2001) chama atenção ao fato de que o gênero como construção cultural implica tratar categorias simbólicas de ler, interpretar a realidade que ainda se dá de forma unilateral, por um ângulo masculino. Assim, não importa apenas considerar a posição de quem fala, pois mesmo a ótica das mulheres pode dar-se através de lentes machistas. Para tanto, buscamos analisar os efeitos

de sentido que caracterizam as posições que os sujeitos assumem no discurso, partindo do “fio do discurso”, onde marcas lingüísticas apontam as relações interdiscursivas. Nessa perspectiva, selecionamos abaixo um recorte de entrevista que tematiza aspectos relativos à concepção do gênero no Brasil e no país de origem do entrevistado:

(1) no Brasil, as mulheres são mais preocupadas com o campo profissional, desenvolvimento pessoal e bastante dominadoras(...) mais determinada que as peruanas que se preocupam mais com a casa, os filhos, que também é bom, né, tipo, tu tem uma boa criação e tal, os filhos são mais criados em casa mesmo, com as mães sempre do lado, faz com que os filhos saiam bonzinhos (...) as mulheres no Peru, em geral, terminam a graduação, se elas fizerem mesmo a graduação e terminam criando os filhos e isso aconteceu com minha mãe, ela se sentiu frustrada até agora e ela terminou cuidando dos filhos (Gaston, peruano).

Os efeitos de sentido encontrados no discurso de Gaston deslizaram entre diferentes posições-sujeito, o que torna a sua fala ambígua e contraditória. Por um lado, ele valoriza o fato das mulheres brasileiras se preocuparem mais com o campo profissional do que as mulheres peruanas e, ao mesmo tempo, credita vantagens às mulheres peruanas que ficam em casa cuidando dos filhos para que se tornem bonzinhos. Ao cortar o seu enunciado com a expressão *que também é bom, né*, ele demonstra sua posição a favor de que a mulher se preocupe com a casa e os filhos, apesar de considerar que a sua mãe ficou frustrada por ter concluído o curso superior e não ter podido trabalhar para cuidar dos filhos.

O fragmento de entrevista (1) nos remete ao modelo de Maria, elemento da cultura latina, o qual prescreve como valores femininos o auto-sacrifício, a submissão aos homens, ser boa mãe e esposa (Baldwin & DeSouza, 2001). Isso sinaliza a necessidade de desconstruir discursos naturalizados que associam o gênero feminino e cuidado para com a criança, como se a maternidade e o amor à criança fossem da natureza dos instintos das mulheres (Lyra &

Medrado, 2000). Com esse entendimento, percebemos que a naturalização de modelos restringem homens e mulheres, uma vez que as mulheres se sentem obrigadas a corresponder ao modelo de boa mãe, cuja máxima ser mulher é ser mãe, e os homens ficam impedidos de ter uma relação mais afetiva com sua prole.

E também faz uma pausa para refletir quando diz “*se elas fizerem mesmo a graduação*”, o que denota que, dependendo da posição, as mulheres não precisam aprofundar os estudos. Considerando que a imigração pode contribuir para a manutenção dos antigos padrões (Kosminsky, 2004), é possível, nesse caso, supor que a vivência de Gaston no Brasil pode levá-lo a reforçar sua concepção de mulher conforme padrões da cultura peruana.

A fala (1) carrega o efeito de conservação da mãe cuidadora, herança do legado patriarcal que prescreve às mulheres a reclusão no espaço doméstico. Isso denuncia a sociedade machista que não oferece as mesmas oportunidades aos homens e às mulheres, destinando as atividades de infra-estrutura às mulheres, as quais ficam impedidas de “vãos mais altos que as situem em lugares de destaque” (Mutti, 1999, p.136).

Por outro lado, Mercedes, chilena, percebe as mulheres brasileiras como mais matriarcais, pois “*os filhos podem estar bem grande já adultos e elas continuam assistindo, de estar para sempre na vida dos filhos*”. As posições diferentes assumidas por Mercedes e por Gaston nos mostra que deixar o/a outro/a falar é incitar os sentidos à multiplicidade, e não é privilegiar um só lugar onde chegar. Desse modo, são atribuídos sentidos diversos às mulheres brasileiras, tanto da mãe cuidadora quanto da profissional dedicada, dependendo da historicidade daquele/a que fala. Isso significa que os sujeitos manifestam posições às quais se filiam ou com que se identificam. Esse contraste de discursos nos remete a Louro (1997, p.23), ao expor que “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos étnicos, religiosos, raciais que a constituem”. Com tal fato, Nicholson (2000) também

concorda, pois defende que não podemos esperar que o sentido de mulher em uma sociedade deva ser verdadeiro em qualquer outro lugar ou através de períodos históricos.

A percepção de que as mulheres brasileiras são mais dominadoras nos relacionamentos assumiu outra roupagem para Hernan, paraguaio. Segundo ele, as mulheres no Brasil são mais rancorosas, pois sempre lembram-no se ele fez algo errado, o que não acontecia com as suas namoradas paraguaias. Esse participante considera sua irmã, no Paraguai, “*tipo brasileira (...) pediu uma coisa e tem que conseguir*”, o que sugere que foi capaz de deslocar sentidos prontos em relação às paraguaias, a partir da sua historicidade, produzindo novas significações para sua irmã. Desse modo, por mais que afirme que as paraguaias “*são mais atenciosas*”, sua opinião manifesta resistência a esse sentido do discurso, pois a inserção em outras formações discursivas o leva a visualizar outra posição e reconhecer que, pelo menos, sua irmã é mais determinada.

Considerar as mulheres do seu país de origem mais atenciosas é uma percepção com a qual Salvador, nicaragüense também compartilha, ao revelar que “*a mulher respeita muito o seu marido*”. Isso parece silenciar que as mulheres brasileiras, por serem mais dominadoras, podem gerar a impressão de que não respeitam tanto seus maridos.

Uma vivência que causou estranhamentos nos participantes Hernan e Salvador foi a questão do ficar⁶, porém essa experiência produziu sentidos diferentes. Hernan, paraguaio, percebe as mulheres brasileiras “*aqui são um pouco mais fáceis*” e revela que ficou “*apavorado*” com a questão do ficar, porém a nova posição-sujeito ocupada promove rupturas no seu discurso tradicional e o leva a assimilar a cultura local, o que fica bem representado quando fala “*eu não tava acostumado aqui, tipo, foi incorporado assim o negócio de ficar (...) eu cheguei aqui, tu fica apavorado, mas bom, tudo bem, vamos lá, né*”.

⁶ Ficar: Namorar sem compromisso, durante um curto espaço de tempo, às vezes por uma noite (Dicionário Novo Aurélio, 2000). Estabelecer relacionamento passageiro (Dicionário Enciclopédico Ilustrado Veja Larousse, v. 10, 2006).

Desse modo, ele se constrói a partir de outros discursos, arranjando e desarranjando seu lugar social e sua forma de ser e estar no mundo (Louro, 1997).

Mesmo comungando da mesma opinião de Gaston, Salvador preserva-se assujeitado às mesmas formações discursivas em que se inscrevia na Nicarágua ao reiterar que lá *“não tem essa de ficar (...) no meu país era namorar”*. Nas palavras desse participante, *“foi uma coisa estranha para mim”* ficar com uma garota brasileira que no dia seguinte lhe disse não ter mais interesse e que a noite que ficaram *“só foi uma noite”*. Mesmo se assujeitando ao discurso tradicional, tem condições de significar essa experiência migratória. Esses dados confirmam Baldwin e DeSouza (2001) quando afirmam que o Brasil é uma sociedade estereotipicamente sexualizada.

Por meio da análise das histórias relatadas pelos/as participantes desta investigação, percebemos que ecoam nos seus discursos formações discursivas patriarcais no que diz respeito às relações sociais de gênero na Nicarágua, no Peru e no Paraguai, onde as mulheres assumem, na maioria das vezes, posições periféricas e invisíveis. Tais relatos indicam que a imagem das mulheres em alguns países ainda está atrelada à figura da Virgem Maria, personagem influente na história da América Latina, que contribui para que as mulheres sejam trabalhadoras em casa, auto-sacrificantes, dedicadas à maternidade. Porém, a possibilidade de deslocar suas posições-sujeito instaura uma nova forma de reconhecer as mulheres como também dominadoras, determinadas profissionalmente. Entretanto, essa nova posição coexiste ao lado da posição tradicional de creditar vantagens às mulheres atenciosas, que cuidam dos filhos e respeitam os maridos. Diante desses achados, torna-se imprescindível romper com essa delimitação clara de papéis e modelos, que, mesmo com as conquistas dos movimentos de mulheres e das transformações ocorridas no campo da sexualidade e reprodução, ainda atribui à mulher a natureza afetiva e maternal (Lyra &

Medrado, 2000). Da mesma forma, faz-se necessário questionar a falta da inclusão do pai na esfera do cuidado das crianças.

As protagonistas do discurso são também ativas na produção de sentidos na linguagem. Ao falarem sobre suas percepções acerca das relações de gênero no Brasil e no país de origem, posicionam-se sobre as questões sociais representadas no discurso, participam da construção social dos sentidos, como podemos verificar na formulação a seguir:

(2) é um pouco mais rápida, na hora de namorar do que nós, né. No meu país, a gente gosta de namorar, que o cara te convide ao cinema, daí um café, tudo isso. Eu acho que, no Peru, a gente fica muito dependente, né, dos nossos esposos, maridos, namorados, então eu acho que tem uma diferença que a mulher aqui é mais liberal. Uma coisa assim, que eu acho excelente, que é vaidosa a mulher assim, a mulher aqui se cuida muito e eu acho isso muito legal assim (...) eu imito isso, às vezes, um pouco, tento me arrumar (Silvina, peruana).

No discurso de Silvina, coexistem posições de sujeito diversas, representadas na materialidade lingüística. Essa heterogeneidade de vozes diferentes que se abrigam no seu discurso fica marcada na tensão de seu pronunciamento que oscila entre aplaudir as mulheres brasileiras que se cuidam mais e a crítica ao fato de serem mais fáceis para namorar. Seu discurso acentua que são os homens que devem tomar iniciativa num relacionamento, o que “vem ratificar a naturalização dessas representações hegemônicas do homem em nossa sociedade, confirmando o senso comum de que o homem deve conquistar parceiras” (Dutra, 2003, p. 139).

Ao mesmo tempo que ela se vê capturada pela formação discursiva patriarcal dominante, que prescreve subordinação aos homens, ao referir que, no Peru, as mulheres são mais dependentes de seus maridos, namorados, ela também tenta imitar as mulheres brasileiras no que concerne ao cuidado com a aparência, instaurando um sentido diferente.

Entretanto, a ocupação dessa nova posição é conquista ainda tímida. O fato de nomear e reconhecer comportamentos diferentes é também visualizar outra posição, a qual é também ocupada por Dariana, equatoriana, que percebe as mulheres brasileiras “*muito mais preocupadas com a parte estética, que têm uma cultura do corpo, daquela coisa de malhação, de todo mundo entra na academia*”. É importante pontuar que as construções culturais são relativas, uma vez que embora as representações da mulher brasileira na França sejam sobretudo ligadas ao corpo e às práticas corporais, elas também são vistas como patriarcais (Santos, 2006). Nesse sentido, fica ilustrado o contraste entre as construções culturais, pois as brasileiras, nesta pesquisa, são percebidas como mais liberais pelos/as participantes estrangeiros/as latino-americanos/as, e, por outro lado, conforme Santos(2006), são consideradas machistas pelos/as franceses.

Nesta pesquisa, ficou constatado que alguns/mas participantes mostram-se apegados ao modo tradicional de namorar, e se pode inferir que o efeito de sentido do compromisso está vinculado aos discursos dos/as participantes Silvina, Hernan e Salvador. Nessa perspectiva, Dariana, equatoriana, considera que “*aqui as pessoas vivem a sexualidade de uma forma muito diferente assim (...) pelas experiências das amigas que moram comigo hoje (...) Então, a vida sexual também começa muito mais rápido, né?*”, o que evidencia que a língua como ferramenta imperfeita deixa sempre brechas para outros sentidos. A dubiedade inscrita na interrogação feita por Dariana sugere que ela coteja posições diferentes, negando implicitamente uma delas e assumindo explicitamente seu posicionamento, através do “*né*”, de que a vida sexual aqui começa muito mais rápida.

De modo geral, identificamos que a sexualidade, como característica da cultura brasileira, foi um tema recorrente nos discursos dos/as participantes. Estudos também revelam que a sexualidade é percebida e vivida de modo diferente no Brasil, comparado a outros países (Baldwin & DeSouza, 2001; DeSouza & Hutz, 1996; DeSouza, Pierce, Zanelli

& Hutz, 1992). Baldwin e DeSouza (2001) afirmam que a sexualidade é muito mais prevalente nas conversas em público e na mídia no Brasil do que nos Estados Unidos. Já DeSouza, Pierce, Zanelli e Hutz (1992) pontuam que os/as brasileiros/as reagem ao estímulo sexual social num modo mais estereotipado e erotizado que os/as participantes americanos/as. Enquanto DeSouza e Hutz (1996) explicam que, muitas vezes, no Brasil, quando um homem faz avanço sexual e uma mulher não se mostra resistente na recusa do convite, eles acreditam que elas estão concordando com a relação sexual.

Além desses estudos, cabe destacar que, no período entre 1800 e 1850, já constava nos relatos das viajantes estrangeiras que estiveram no Brasil reflexões acerca do comportamento brasileiro (Moreira Leite, 1980). Essa autora, ao analisar os textos escritos pelas viajantes, identificou dois estereótipos sobre os costumes das mulheres brasileiras: a reclusão e a religiosidade. A reclusão foi observada por não perceberem mulheres nas ruas, no domínio público, enquanto atribuíam a religiosidade ao comportamento feminino de sair de casa apenas para ser batizada, casar e ser enterrada. Por outro lado, os/as participantes da nossa pesquisa sinalizam os saltos qualitativos empreendidos pelas brasileiras, como o fato de serem mais preocupadas com o campo profissional e mais ativas nos relacionamentos, se comparadas às mulheres de seus países. Mesmo que atualmente ainda persistam as desigualdades entre homens e mulheres no Brasil, fazer menção à pesquisa de Moreira Leite (1980) e compará-la à realidade vigente nos dá um alento das conquistas femininas alcançadas.

Como os sentidos variam à medida que são formulados e (re)formulados na enunciação, isso permite que Dariana assuma posições sujeitas que se defrontem, pois as mesmas mulheres brasileiras consideradas rápidas na questão do início da vida sexual também são vistas como mais conservadoras quanto à moda e à visão de mundo. Vejamos a seguir a formulação que pode escapar ao controle:

(3) meio conservadora assim (...) as meninas quase todo mundo assim tem cabelo comprido, tu nunca vai ter uma coisa exótica no cabelo (...) aqui eu acho careta assim, (...)uma coisa que me impressionou foi o fato de que quando eu cheguei aqui (...)várias meninas me falaram como assim, tu deixou tudo lá, não tem medo,(...)como tu consegue viver sem a tua família? (Dariana, equatoriana).

Desse modo, a heterogeneidade característica do discurso favorece à participante resvalar em posições divergentes em relação às mulheres brasileiras. Nesse caso, a realidade contraditória que se interpõe reclama um outro efeito de sentido, que é o das mulheres brasileiras conservadoras.

Que outro endereçamento esses discursos atravessados por vozes distintas tentam nos comunicar? Talvez Lauretis (1993, p.121) tenha um esclarecimento a essa questão, ao propor que “assumir o papel da contradição significa para as mulheres demonstrar a não-coincidência da mulher com as mulheres”, o que desmistifica a crença de que o termo mulheres denota uma identidade comum. Isso nos faz concordar com Butler (2003), quando afirma que não se almeja a unidade da categoria mulheres, e sim sua incompletude.

Consoante a Lauretis, Nicholson (2000) também se opõe à idéia de que a palavra mulher tenha um sentido definido. Para tanto, essa autora cita a metáfora do jogo sugerida por Wittgenstein, para explicar como entende o sentido de “mulher”. Conforme Nicholson, Wittgenstein descreve que os jogos de carta e tabuleiro podem, por exemplo, compartilhar relações possíveis, semelhanças e correspondências, entre eles, nas suas regras, porém não há aspectos comuns a todos. Assim, o significado do termo jogo, tendo em vista os diferentes tipos de jogos, é revelado não a partir da conceituação de uma determinada característica, mas através de uma complexa rede de características. Transpondo essa metáfora para o sentido da acepção mulher, Nicholson (2000, p.35) aconselha que pensemos o sentido de “mulher” do mesmo modo que Wittgenstein refletiu sobre o sentido do jogo, isto é, como

palavra cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características.

Encaminhando-se uma análise que privilegie o processo de produção de sentidos pelos sujeitos e que centre-se nas marcas lingüísticas que fazem referência ao modo de ser homem no Brasil e no país de origem, encontramos os seguintes recortes discursivos:

(4) eu acho que o nicaragüense dá muito mais valor (...) pelo do que ter passado (...) brasileiro se preocupa por coisa fútil, sabe, não sei, tem que ter festa, futebol, (...)de pegar mulher, quantas mulheres está pegando, se já pegaste fulana, aí deixa de estudar, eu vejo agora um monte de guri reprovando, sabe (Salvador, nicaragüense).

(5) Eu acho que o homem peruano e o homem brasileiro são machistas. No Peru, também tri machistas, aqui também, eu já vi (Silvina, peruana).

O enunciado (4) e a impressão de Gaston, peruano de que “o homem brasileiro um pouco relaxado, um pouco relaxadinho (...) eles vão inventar uma desculpa para deixar de trabalhar ou sair para festa entendeu” parece representar a perplexidade desses participantes frente a detalhes que poderiam abalar o estatuto firmado da construção da masculinidade hegemônica pautada em valores como trabalho, fugindo à determinação do homem provedor. Por outro lado, os/as demais participantes não encontram diferenças entre os homens brasileiros e os homens de outros países, pois defendem que ambos assumem uma roupagem machista. Baldwin e DeSouza (2001) concordam que o machismo seja um elemento da cultura latina, na qual impera a hierarquia comportamental do homem sobre a mulher. Entretanto, os discursos aqui assinalados nos encaminham numa outra direção, onde as mulheres brasileiras também podem ser mais decididas profissionalmente e ativas nos relacionamentos.

Diante dessa realidade, a predominância dos discursos confina os homens à posição machista, o que é reforçado positivamente pela sociedade na América Latina (Diekman,

Eagly, Mladinic & Ferreira, 2005). Esses/as pesquisadores/as examinaram se as transformações políticas ocorridas no Brasil e no Chile impulsionaram mudanças nos papéis de gênero, através da aplicação de questionários em 414 homens e 387 mulheres no Chile, 270 homens e 270 mulheres no Brasil e 286 homens e 272 mulheres nos Estados Unidos. Nesse estudo, ficou constatado que todos/as informantes de todos os países identificam o aumento das características masculinas nas mulheres e decréscimo de características femininas nelas. E, no Brasil e no Chile, os/as participantes da investigação de Diekmann et al. (2005) reportaram perceber os homens ganhando características masculinas, o que, de alguma maneira, retrata também a ótica da maioria dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as da nossa pesquisa acerca dos homens no Brasil e no seu país de origem.

É oportuno considerar que as noções de papéis de gênero apresentadas aqui não são homogêneas, uma vez que estão condicionadas às diferentes formas de socialização vividas pelos/as participantes desta pesquisa. Sendo assim, as concepções de gênero no Brasil e no país de origem ilustradas aqui sofrem influência das condições de produção, como, por exemplo, a classe social, grupo étnico e idade.

Considerações Finais

Fazendo a incursão nas entrevistas dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, concluímos, sem fechar o debate, que as relações de gênero são interpretadas nos países de origem, especialmente no Peru, no Paraguai e na Nicarágua, como mais estereotipadas, pois estão assentadas em ditames patriarcais. Entretanto, o contato com a cultura brasileira promove que esses/as participantes cotejem diferenças, o que contribui para o aparecimento de novas designações discursivas, posições diferentes. Nesse sentido, cruzar fronteiras implica também revisar concepções acerca do modo de ser homem e mulher por meio da ação do seu discurso (Coimbra, 2003).

O encontro intercultural estimulou um movimento tímido de ruptura do modelo de mulher do discurso patriarcal por parte de alguns/mas entrevistados/as, após reconhecerem uma nova forma de ser mulher. Isto é, podemos afirmar, neste estudo, que os desafios relacionados às expectativas de gênero, ainda são incipientes. A prevalência da visão essencialista e naturalista de gênero sinalizam a necessidade de discursos emancipatórios que ofereçam alternativas ao modelo hegemônico patriarcal do modo de ser homem e mulher (Dutra, 2003). Uma transformação efetiva dos modelos dominantes de masculinidade e feminilidade só será alcançada, se transpusermos barreiras ideológicas e culturais (Lyra & Medrado, 2000).

Nesse cenário, torna-se importante entender que os estereótipos se formam e se mantêm pela observação de papéis sociais desempenhados pelas pessoas, e que o fato de existirem mais homens machistas e mais mulheres restritas ao espaço doméstico é responsável pela existência dos estereótipos acerca do comportamento típico de cada um dos sexos (Acunã & Bruner, 2001). Sendo assim, o contato com a cultura brasileira possibilitou a observação de que as mulheres podem atuar em outro padrão de conduta, por exemplo, trabalhando, o que pode contribuir para diminuir a distinção de condutas típicas de cada sexo.

Os discursos podem render diferentes leituras. Aqui, tivemos a intenção de descortinar um modo possível de ler as concepções de gênero no Brasil e no país de origem, sempre nos lembrando de que as lacunas fazem parte do sujeito e do sentido. Diante de um cenário construído por discursos ambíguos, o que importa é a maior compreensão sobre o tema, considerando que a compreensão deixa sempre margem opaca, que não é facilmente identificada, permitindo múltiplas visões.

Devemos estar atentas ao fato de que os/as participantes desta pesquisa falam das mulheres e dos homens que circulam nos ambientes em que eles/as freqüentam. Desse modo, as mulheres e os homens gaúchos, com os quais eles/as mantêm contato, não representam

todos os homens e todas as mulheres brasileiros/as. Além disso, o discurso intelectual dos/as universitários/as pode ter influenciado provavelmente esses resultados, os quais não podem ser generalizados para a população de imigrantes latinos em geral.

Por fim, podemos considerar que o presente artigo constituiu-se numa orquestra de vozes, na qual diferentes discursos, ao invés de diferentes instrumentos musicais, sincronizaram-se para dar lugar à música, nesse caso, as concepções de gênero no Brasil e no país de origem. No enredo desse trabalho, verificamos, na verdade, múltiplas mulheres e diferentes homens falando sobre as diversas formas de ser homem e mulher na América Latina, sem esquecer também que diferentes masculinidades e feminilidades são produzidas num mesmo contexto social (Connell, 1995). Assim, através desta pesquisa, conhecemos algumas das condições femininas e masculinas dos/as brasileiros/as e dos/as peruanos/as, paraguaios/as, chilenos/as, nicaraguenses, uma vez que estávamos à procura das diferenças e das singularidades, e não de uma identidade das mulheres e uma identidade dos homens.

Referências

Acuña, L., & Bruner, C. (2001). Estereótipos de Masculinidad y Feminidad em México y em Estados Unidos. *Revista Interamericana de Psicología*, 35(1), 31-51.

Baldwin, J., DeSouza, E. (2001). Modelo de Maria and Machismo: The Social Construction of Gender in Brazil. *Revista Interamericana de Psicología*, 35(1), 9-29.

Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo: a experiência vivida* (volume 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Burin, M. (2004). Prefácio. In M. Strey, S. Cabeda & D. Prehn (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas* (pp. 9-12). Porto Alegre: Edipucrs.

Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Coimbra, A. M. (2003). Histórias Contadas em sala de aula: a construção da identidade social de gênero da mulher. In L. Lopes (Org.). *Discursos de Identidades: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família* (pp. 209-232). Campinas: Mercado de Letras.

Connel, R. (1995). Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-206.

DeSouza, E. R., & Hutz, C. (1996). Reactions to Refusals of Sexual Advances Among U.S. and Brazilian Men and Women. *Sex Roles*, 34, 549-565.

DeSouza, E. R., Pierce, T., Zanelli, J., & Hutz, C. (1992). Perceived sexual intent in the U.S. and Brazil as a function of nature of encounter, subjects' nationality, and gender. *The Journal of Sex Research*, 29(2), 251-160.

Dicionário Enciclopédico Ilustrado: Veja Larousse. (2006). São Paulo: Editora Abril, v. 10.

Diekman, A., Eagly, A., Mladinic, A., & Ferreira, M. C. (2005). Dynamic Stereotypes about Women and Men in Latin America and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 36*(2), 209-226.

Dutra, F. S. (2003). Letramento e Identidade: (re)construção das identidades sociais de gênero. In L. Lopes (Org.), *Discursos de Identidades: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família* (pp. 135-156). Campinas: Mercado de Letras.

Félix-Ortiz, M., Newcomb, M., & Myers, H. (1994). A Multidimensional Measure of Cultural Identity for Latino and Latina Adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 16*(2), 99-115.

Fernandes, C. A. (2005). *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas.

Ferreira, A. B. H. (2000). *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Ferreira, M. C. F. L. (2001). *Glossário de Termos do Discurso*. Porto Alegre: UFRGS.

Grantham, M. (2005). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: F. Indursky & M. Ferreira (Orgs.), *Michel Pêcheux e a análise de discurso: uma relação de nunca acabar* (pp. 137-142). São Carlos: Claraluz.

Hall, S. (2000). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*(4° ed). Rio de Janeiro: DP&A editora. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

Heilborn, M. L. (1998). Gênero: um olhar estruturalista. In J. Pedro & M. Grossi (Orgs.), *Masculino, feminismo, plural: gênero na interdisciplinariedade*. Florianópolis: Editora Mulheres.

Heilborn, M. L., & Carrara, S. (1998). Em cena, os homens...*Estudos Feministas*, 2, 370-374.

Kosminsky, E. (2004). Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. *Cadernos Pagu*, 23, 279-328.

Lauretis, T. (1993). Através do espelho: Mulher, Cinema e Linguagem. *Estudos Feministas*, 1, 96-122.

Lauretis, T. (1994). A tecnologia do Gênero. In H. Hollanda (Org.), *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura* (pp. 206-242). Rocco: Rio de Janeiro.

Louro, G. (1995). Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, 20(2), 101-132.

Louro, G. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (2°ed). Petrópolis: Vozes.

Lyra, J., & Medrado, B. (2000). Gênero e Paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. *Estudos Feministas*, 1, 145-158.

Moreira Leite, M. L. (1980). A dupla documentação sobre mulheres no livro de viajantes (1800-1850). In M. Moreira Leite (Org.), *Vivência, História, Sexualidade e Imagens Femininas* (pp. 195-226). São Paulo: Editora Brasiliense.

Mutti, R. (1999). O que seria dos homens se não fosses as mulheres?: um estudo sobre a produção de sentidos. In V. Leffa & A. Pereira (Org.), *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: EDUCAT.

Nicholson, L. (2000). Interpretando o gênero. *Estudos Feministas*, 8, 9-40.

Orlandi, E. (2005). Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. *Estudos da Língua(gem)*, 1, 9-13.

Padilla, A., & Perez, W. (2003). Acculturation, Social Identity, and Social Cognition: A New Perspective. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 25(1), 35-55.

Pêcheux, M. (1990a). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (pp. 61-105). Campinas: Editora da Unicamp.

Pêcheux, M. (1990b). *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.

Pêcheux, M. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.

Pereira, V. L. (2004). Gênero: Dilemas de um Conceito. In M. Strey, S. Cabeda & D. Prehn (Orgs.), *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas (pp. 173-198)*. Porto Alegre: Edipucrs.

Pfeiffer, C. C. (2005). O fogo que desengessa e mobilize – uma entrada na obra de Michel Pêcheux. In F. Indursky & M. Ferreira (Org.), *Michel Pêcheux e a análise de discurso: uma relação de nunca acabar (pp. 167-172)*. São Carlos: Claraluz.

Pyke, K., & Johnson, D. (2003). Asian American Women and Racialized Feminities: “Doing” gender across Cultural Worlds. *Gender & Society*, 17(1), 39-53.

Rodrigues, R. L. A. (2003). A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In L. Lopes (Org.), *Discursos de Identidades: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras.

Santos, S. S. (2005). Inclusão: pontos cegos de um discurso pedagógico. *Aletheia*, 22, 41-50.

Santos, G. M. (2006, agosto). A brasileira e suas representações: como as brasileiras na França percebem e reagem às representações que lhes são associadas. Trabalho

apresentado no simpósio temático: Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceitos. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.

Silva, T. T. (2001). A produção social da identidade e da diferença. In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

Strey, M. (2001). Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In P. Grossi & G. Werba (Orgs.), *Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: Edipucrs.

Strey, M. (2004). Violência de Gênero: uma questão complexa. In M. Strey, M. Ruwer & F. Jäeger (Orgs.), *Violência, gênero e políticas públicas*. Porto Alegre: Edipucrs.

Valentine, S., & Mosley, G. (2000). Acculturation and Sex-Role Attitudes Among Mexican Americans: A Longitudinal Analysis. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 22(1), 104-113.

Woodward, K. (2001). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. Silva (Org.), *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como motor propulsor a proposta de estudar o processo de aculturação de estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as, mostrando como as questões de gênero podem ser desafiadas, no momento em que os valores da cultura de origem são confrontados com os valores da cultura hospedeira. Primeiramente, é importante sinalizar que a primeira autora desta dissertação percebeu um hiato teórico na sua formação como psicóloga social durante a graduação no curso de Psicologia, no que concerne aos estudos de gênero e Psicologia Intercultural. Houve tentativa de superação dessa carência teórica no Mestrado através de leituras, seminários e congressos, porém há muito conhecimento, nessa perspectiva, ainda a ser aprofundado. Essa deficiência nos currículos de Psicologia, em direcionar o olhar às questões de gênero e à população estrangeira, pode refletir o quanto essa disciplina ainda precisa ampliar seu campo de estudo, atendendo às mudanças decorrentes da globalização e dos movimentos feministas. Embora o Brasil seja marcado por uma história de ser um país receptor de imigrantes desde a sua colonização, verificamos que, foram outras disciplinas, como a Antropologia e a Sociologia, que se debruçaram a estudar o fenômeno migratório.

Durante a realização deste estudo, percebemos que as questões de gênero vão além das diferenças entre homens e mulheres, entre os homens, e entre as mulheres, pois as pessoas têm características únicas e não coincidentes entre si. Assim, as mulheres brasileiras diferem das participantes desta pesquisa, bem como entre si, sendo distintas no seu grupo. As questões de gênero se intensificam para os/as participantes desta pesquisa na situação de aculturação, pois eles/as passam a cotejar o país de origem e com o Brasil, estabelecendo diferenças. Como o gênero é um importante elemento formador da identidade, a mudança cultural leva-lhes a revisitarem as relações de gênero, a fim de se ajustar à cultura brasileira,

tornando as suas identidades fluidas e inacabadas, sujeitas às posições ocupadas. Essa imersão cultural pode intensificar as múltiplas formas de ser homem e mulher.

Este estudo baseou-se, principalmente, em categorias *a priori*, conforme as questões norteadoras. Nesse processo, emergiu uma subcategoria importante, quanto à percepção do gênero no Brasil e no país de origem. Trata-se da sexualidade como característica da cultura brasileira, que vem ratificar concepções naturalizadas transmitidas pela mídia acerca do povo brasileiro. Nossa intenção aqui não é negar esse achado, muito menos legitimá-lo, mas sim colocá-lo sob suspeito, mostrando que a lógica do *ficar* nos relacionamentos é uma tendência, mas não se constitui no padrão de comportamentos de todos/as os/as jovens brasileiros/as. Nós pesquisadoras, embebidas da cultura brasileira, nos sentimos mais autorizadas a falar do que nos é familiar, entretanto, consideramos pertinente duvidar, também, se, no país de origem dos/as participantes desta pesquisa, apenas impera o modo tradicional de namorar retratado por eles/as.

Outro aspecto diz respeito ao fato dos/as participantes constantemente compararem aspectos da alimentação, do clima, das amizades, dos relacionamentos no país de origem com os do Brasil. Os/as participantes, quando dizem que a comida de lá é mais apimentada do que a daqui, que lá as mulheres se dedicam mais ao lar e aqui se preocupam mais com o campo profissional, tecem discursos que marcam o contraste entre o aqui e o lá. Essas vozes saudosistas dos/as participantes desta pesquisa, de alguma maneira, atravessam o discurso “já-dito”, como o que encontramos na poesia de Gonçalves Dias, “Canção do exílio”, tornando possível o dizer dos/as estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as. Nesse poema, o poeta maranhense sente-se exilado na Europa e, nostalgicamente, é arrastado pela memória até sua terra natal: “Minha terra tem palmeiras, Onde canta o sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, Nossas várzeas têm mais flores, Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida mais amores”. Consoantes a Gonçalves

Dias, podemos também considerar que os/as participantes desta pesquisa recorrem à memória (interdiscurso) e à língua para significar o seu processo de aculturação.

Esse processo de investigação foi permeado por muitas trocas e ganhos, constituindo-se numa oportunidade de ressignificar saberes, vivências e sentimentos advindos da nossa experiência pretérita como estrangeiras. Em muitos momentos, a primeira autora desta dissertação percebeu que os discursos dos/as participantes desta pesquisa, bem como alguns discursos presentes na literatura consultada também já tinham sido seus discursos na situação de aculturação, o mesmo passando com a segunda autora.

Ao nos encaminharmos para o desfecho desta dissertação, sabemos que este trabalho não se encerra aqui, uma vez que o uso da abordagem discursiva para análise dos dados nos permite afirmar que alguns sentidos podem ter nos escapado no momento da interpretação dos resultados desta pesquisa. Assim, a interpretação que imprimimos às informações obtidas através das entrevistas com estudantes estrangeiros/as latino-americanos/as foi uma maneira possível, dependendo das nossas posições-sujeito como pesquisadoras e das condições de produção do discurso dos/as participantes desta pesquisa. Nesse sentido, sabemos que múltiplos sentidos ainda estão por vir no momento da defesa desta dissertação.

ANEXO I: ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Eu gostaria que tu me contasses sobre a tua vinda ao Brasil e como tem sido tua experiência na universidade?

Optei em elaborar uma questão aberta para que o/a participante desta pesquisa possa discorrer acerca de sua experiência intercultural. Entretanto, caso ele/a não aborde alguns aspectos propostos nas questões norteadoras deste estudo, formularei perguntas mais diretas que contemplem estas questões.

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a Participante:

Sou mestranda em Psicologia Social e da Personalidade no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Dra. Marlene Neves Strey, cujo objetivo é investigar o processo de aculturação de universitários/as estrangeiros/as latino-americanos/as e sua relação com as questões de gênero.

Sua participação envolve conceder entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 1 hora.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo/a.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelas pesquisadoras fone (51)33121832 ou (51)93128242 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 3320 3345.

Atenciosamente

Roberta de Alencar Rodrigues
Matrícula: 05190487-8

Porto Alegre, ___/___/___

Dra. Marlene Neves Strey
Orientadora
CRP 07/0985

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Participante

Porto Alegre, ___/___/___

ANEXO III: APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - PUCRS



Ofício nº 203/06-CEP

Porto Alegre, 13 de março de 2006.

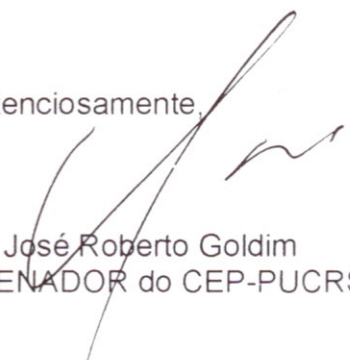
Senhor(a) Pesquisador(a)

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 05/02843, intitulado: "As relações de gênero e o processo de aculturação de universitários (as) estrangeiros(as) latino-americanos(as) no contexto acadêmico".

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP. Inicialmente, em 13/09/2006.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR do CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Mest Roberta de Alencar Rodrigues
N/Universidade